

BREVIÁRIO
DE
ANTONIO
CONSELHEIRO

Walnice Nogueira Galvão
Fernando da Rocha Peres



O Centro de Estudos Baianos e a Editora da Universidade Federal da Bahia editam este *Breviário de Antonio Conselheiro* em memória do Peregrino sertanejo, em comemoração aos cem anos da publicação de *Os sertões*, de Euclides da Cunha, e em homenagem ao professor José Calasans (1915-2001), estudioso da saga canudense, com vários livros publicados sobre o tema, generoso orientador de pesquisadores nacionais e internacionais, docente, durante a vida inteira, da nossa casa universitária no Departamento de História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia.

O *Breviário*, assim intitulado, é a edição de um manuscrito apógrafo, datado de 1895, que pertenceu a Antonio Vicente Mendes Maciel, o Conselheiro. O documento foi retirado, em 1897, de dentro do *Santuário*, local onde habitava o líder Antonio dos Mares, por um militar do 25º Batalhão de Infantaria, depois da batalha final no arraial de *Canudos*.

O referido manuscrito é de interesse variado, inclusive teológico, para um estudo da *vulgata sertaneja*, e compõe-se da transcrição dos *Evangelhos* (Mateus, Lucas, João, Atos dos Apóstolos e Epístola de São Paulo aos Romanos) e de outras fontes religiosas para as prédicas do Conselheiro.

Os editores optaram por sua publicação em fragmentos, devido ao alto custo de uma edição do manuscrito em sua totalidade, mas disponibilizaram (ceb@ufba.br) seus textos integrais em CD-Rom, para os estudiosos e interessados no assunto. Também neste *Breviário*, temos, em fac-símile, a remissão para uma Bíblia de 1857, corrente em Lisboa, e certamente no Brasil, na tradução do padre Antônio Pereira de Figueiredo, da *vulgata* de São Jerônimo, que serviu de matriz para o copista (?) do manuscrito de 1895.

A presente edição conta ainda com duas apresentações da autoria de Walnice Nogueira Galvão (*Piedade e Paixão: Os Sermões do Conselheiro*) e de Fernando da Rocha Peres (*Fragmentária*), que descrevem o importante documento, até então inédito, e tratam diversas questões sobre o seu conteúdo, sua autoria e a circunstância da sua retirada do local da guerra.

Em apêndice, são dadas a conhecimento duas cartas de Antonio Vicente Mendes Maciel, o Conselheiro, escritas em 1893, existentes no arquivo do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, para que os paleógrafos, se for o caso, possam fazer um estudo comparativo das caligrafias das missivas com o manuscrito de 1895. Ainda em apêndice, divulga-se um telegrama originário do Rio de Janeiro, ao *Jornal de Notícias*, da Bahia, datado de 06 de outubro de 1897, informando o fim da guerra de Canudos.

BREVIÁRIO DE ANTONIO CONSELHEIRO



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Reitor
HEONIR ROCHA

Vice-Reitor
OTHON JAMBEIRO

CENTRO DE ESTUDOS BAIANOS

Diretor
FERNANDO DA ROCHA PERES



Diretor
FLÁVIA M. GARCIA ROSA

Conselho Editorial

Antônio Virgílio Bittencourt Bastos
Arivaldo Leão de Amorim
Aurino Ribeiro Filho
Cid Seixas Fraga Filho
Fernando da Rocha Peres
Mirella Márcia Longo Vieira Lima

Suplentes

Cecília Maria Bacelar Sardenberg
João Augusto de Lima Rocha
Leda Maria Muhana Iannitelli
Maria Vidal de Negreiros Camargo
Naomar Monteiro de Almeida Filho
Nelson Fernandes de Oliveira

BREVIÁRIO DE ANTONIO CONSELHEIRO

Apresentações

Walnice Nogueira Galvão
Fernando da Rocha Peres

© Copyright 2002, by Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal da Bahia
© Walnice Nogueira Galvão e Fernando da Rocha Peres

Ilustrações

* *Gravura e vinhetas: Antonio Conselheiro. Calasans Neto, 2001*
técnica: ponta-seca e buril

* *Gravuras de uma Bíblia de 1857 editada em Lisboa*

* *Fotos: Sérgio Benutti*

Revisão do texto *Fragmentária*
Vera Rollemberg

Normalização bibliográfica
Isnaia Santana

Digitação texto
Nazareh de Rebelo

Capa e projeto gráfico
Angela Dantas Garcia Rosa

Organizador
Fernando da Rocha Peres

Biblioteca Central - UFBA

B846 Breviário de Antonio Conselheiro / apresentações Walnice Nogueira Galvão, Fernando da Rocha Peres ; [revisão : Vera Rollemberg e Isnaia Santana ; ilustrações : Calasans Neto e gravuras de uma Bíblia de 1857]. – Salvador : EDUFBA : Odebrecht, 2002.
148 p. : il.

ISBN: 85-232-0263-3

1. Conselheiro, Antonio, 1830-1897 – Correspondência. 2. Manuscritos. 3. Breviários. 4. Literatura religiosa – História e crítica. I. Galvão, Walnice Nogueira. II. Peres, Fernando da Rocha.

CDU: 82-97
CDD: 808.80382



ODEBRECHT



Colman Melis
Et

SUMÁRIO

Apresentações

Piedade e Paixão: Os Sermões do Conselheiro	11
<i>Walnice Nogueira Galvão</i>	.
Fragmentária	21
<i>Fernando da Rocha Peres</i>	

Manuscrito de 1895

Primeira Parte	
Verso da Folha de Guarda	41
Evangelhos	43

Manuscrito de 1895

Segunda Parte	
Apontamentos dos Preceitos	75
Outros Textos	102

Manuscrito de 1895

Índice da segunda Parte	115
-------------------------	-----

Apêndices

Bíblia de 1857	121
Cartas	137
Telegrama	143

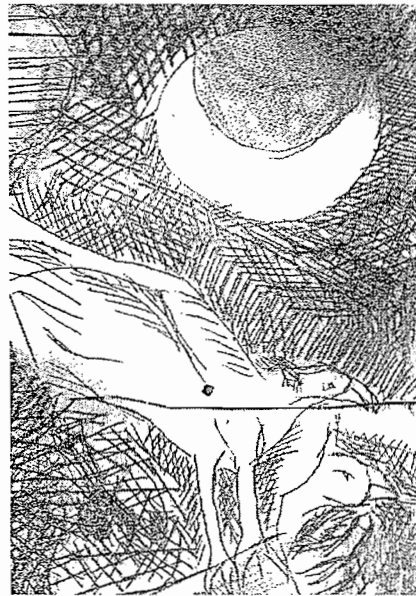
APRESENTAÇÕES

PIEDADE E PAIXÃO: OS SERMÕES DO CONSELHEIRO

Walnice Nogueira Galvão

FRAGMENTÁRIA

Fernando da Rocha Peres



Calasans Neto 2001

PIEDADE E PAIXÃO: OS SERMÕES DO CONSELHEIRO

Walnice Nogueira Galvão*

A sorte dos estudos sobre a Guerra de Canudos, que convulsionou os sertões da Bahia nos primórdios do período republicano, tem dependido em larga medida da pesquisa, achado e divulgação de novos documentos.

Há pouco, em 1999, veio da Bahia uma revelação de envergadura, contida em *Canudos – Cartas ao Barão*, de Consuelo Novais Sampaio, publicado pela Editora da Universidade de São Paulo.¹

Mal se desconfiava do quanto a abertura de parte dos arquivos de Cícero Dantas Martins, barão de Jeremoabo, viria a oferecer em matéria de tesouros, pois ali, num lote da correspondência passiva franqueado à pesquisadora, os herdeiros do barão tiveram o cuidado de selecionar tudo o que se referia à Canudos. É de lamentar que as cerca de 40 mil missivas do próprio barão se tenham dispersado entre os inúmeros destinatários, enquanto os estudiosos permanecem aguardando um feliz acaso ou a tenacidade de algum especialista para garimpar essas raridades. Se é que ainda existem, poderiam ampliar nossa compreensão da Guerra de Canudos e de fenômenos análogos.

Desta vez, e para regozijo dos interessados, as cartas dadas à luz abrem uma brecha que ilumina, poderosamente, uma visão antes nebulosa, quando se considerava o episódio bélico consoante a perspectiva da oligarquia.

* Professora Titular de Teoria Literária e Literatura Comparada da Universidade de São Paulo.

¹ CANUDOS - Cartas para o Barão. Organização Consuelo Novais Sampaio. São Paulo: EDUSP, 1999.

O barão de Jeremoabo foi, em sua época, o maior potentado dos sertões da região de Canudos.² Dono da espantosa cifra de 59 fazendas na Bahia e duas em Sergipe, destacou-se, além disso, como um dos líderes políticos do Império que, advinda a República, persistiria ocupando vários postos de projeção.

Manejando uma rede de relações de parentesco, de compadrio e de clientela, distribuía favores e recebia em troca a vassalagem de um vasto contingente, articulando-se a partir do bastião do município de Itapicuru — sede de seu curral eleitoral, espraiando-se pelas redondezas — com o poder estadual e o nacional.

No material epistolar, verifica-se o quanto outros prestigiosos *coronéis*, primos, compadres, vigários e até humildes vaqueiros alimentavam o barão com informes sobre os movimentos da gente do Conselheiro. A exegese ora efetuada mostra³ como toda essa trama serviu para alastrar um incêndio de boatos que inflacionaram Canudos, enquanto ameaça, e desencadearam seu aniquilamento. Tal visão tornou-se possível graças à publicação de novos documentos que até há pouco se encontravam resguardados no seio da correspondência passiva do barão de Jeremoabo.

O PRESENTE MANUSCRITO

Devemos a José Calasans o acesso ao presente manuscrito, constante do precioso acervo de mais de quatro mil peças, único no mundo, por ele reunido ao longo de uma vida de dedicação à pesquisa, de que fez doação ao Núcleo Sertão, do Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal da Bahia. Criado em 1983, o Núcleo viria a se tornar uma meca de atração para estudiosos brasileiros e estrangeiros.

O livro estava em seu poder desde 1972, quando a família de Aloísio de Carvalho Filho, senador e professor da Faculdade de Direito da Bahia, encontrou-o, por ocasião do inventário de seus bens, em Salvador. O exemplar acabou por ser entregue a quem mais fazia jus, ou seja, a José Calasans,⁴ e é esse original que o Centro de Estudos Baianos ora traz a público em edição fac-similar. O líder religioso dispunha de um secretário ou escriba, por nome Leão da Silva, originário da vizinha vila de Natuba (depois Soure) e guarda-livros da casa de comércio dos irmãos Vilanova, em Canudos,⁵ que tomava ditado de suas cartas e ensinamentos. Por ora, enquanto se aguardam outros desenvolvimentos e o laudo de peritos, atribuem-se a seu punho essas anotações.

² Cf. CARVALHO JR., Álvaro Dantas de. Canudos: a posição do Barão de Jeremoabo. In: CANUDOS, op. cit., p. 17-29.

³ Cf. SAMPAIO, Consuelo Noyais. Canudos: a construção do medo. In: CANUDOS, op. cit., p. 31-85.

⁴ CALASANS, José. Canudos não euclidiano. In: _____. *Cartografia de Canudos*. Salvador: EGBA, 1997. p. 23 (Memória da Bahia, 5).

⁵ Id. *Quase biografias de jagunços: o séquito de Antonio Conselheiro*. Salvador: UFBA, Centro de Estudos Baianos, 1986. 109 p. (Publicação da Universidade Federal da Bahia, 122).

O manuscrito, um tanto danificado e por isso exigindo manuseio cuidadoso, depois de digitalizado em CD-ROM e parcialmente impresso em fac-símile, é agora posto à disposição daqueles que se dispuserem a contribuir para o aprofundamento das investigações.

Logo no verso da folha de guarda, no alto, consignam-se estas palavras:

Antonio Conselheiro infame bandido

Mais abaixo, lê-se o seguinte:

Offerecido pelo brigada do 25º batalhão de infantaria Eugenio Carolino de Sayão Carvalho achado em Canudos no lugar chamado Santuário ao "Jornal de Notícias"

O manuscrito consta de duas partes, conjugadas pela encadernação. A primeira vai das páginas 1 a 554, sucessivamente numeradas a mão. O exame decorrente de um mero folhear, mesmo que superficial, permite inferir que se trata dos Evangelhos, focalizando a trajetória de Jesus Cristo. A segunda parte recomeça a partir de zero, estando numerada a mão das páginas 1 a 227. Nova folha de rosto traz uma outra autenticação, de natureza diferente da anterior. Ali se lê:

*Apontamentos dos Preceitos
da Divina Lei de Nosso Senhor
Jesus Cristo, para a salvação
dos homens.
Pelo Peregrino
Antonio Vicente Mendes Maciel.
No Povoado do
Belo Monte, Província da
Bahia em 24 de maio de 1895.*

Encerra-se por um índice intitulado "Apontamentos dos Preceitos da Divina Lei de Nosso Senhor Jesus Cristo", que arrola com escrupulo e meticulosidade as matérias contidas apenas na segunda parte. Ao contrário do que ocorre com a primeira parte, essa tem sua compreensão facilitada pela presença do índice, que permite acompanhar uma série de súmulas de sermões, começando com uma para cada um dos dez mandamentos. Passa-se depois a vários temas teológicos e doutrinários, como a cruz, a paixão de Cristo, a missa, as leis do culto divino, a justiça de Deus, a fé, a confissão, etc. Ou então glosam-se episódios do Velho Testamento relativos ao povo de Israel, como a narrativa de Adão e Eva, o dilúvio, as pragas do Egito, a travessia do Mar Vermelho, o bezerro de ouro, a edificação do templo em Jerusalém, entre muitos outros.

O conjunto enfeixa as 554 páginas da primeira parte mais as 227 páginas da segunda, cada uma numerada de 1 a *n*. Anexo, vem o índice de três páginas não

numeradas, atingindo o total pouco mais de 800 páginas, distribuídas por vários cadernos sem pauta. Uma vez costurados, em torno do aglomerado, colocou-se uma capa geral de papelão revestido.

O OUTRO MANUSCRITO

Um quarto de século antes, Ataliba Nogueira publicara um livro de sermões de Antonio Conselheiro,⁶ que pertencera a Euclides da Cunha, precedido de esclarecedor estudo. O volume fora igualmente encontrado no Santuário, em Canudos, no próprio dia em que o arraial desmoronou em cinzas, segundo afiança na página que precede a folha de rosto aquele que o achou, em testemunho de próprio punho. Este, João (de Souza) Pondé, sextanista de Medicina, integrava o Batalhão Acadêmico, destinado a prestar socorros aos soldados feridos na campanha. Subseqüentemente doaria o livro a Afrânio Peixoto, seu colega de turma na Faculdade de Medicina, que por sua vez o transferiria a Euclides da Cunha, poucos meses antes da morte deste. Perde-se de vista seu percurso até a aquisição, num sebo, pelo escritor Aristeu Seixas, presidente da Academia Paulista de Letras. O manuscrito traz na folha de rosto o seguinte:

*A presente obra mandou subscrever
o peregrino
Antonio Vicente Mendes Maciel
no povoado do
Belo Monte, província da Bahia
em 12 de janeiro de 1897.*

Com base nesse exemplar, totalizando 618 páginas, Ataliba Nogueira operou sua exegese. A contribuição é considerável, ainda mais pela chancela da autoridade de católico praticante e versado na doutrina de sua religião. E resultou em obliterar a partir daí a noção de um Antonio Conselheiro cismático — heterodoxo ou mesmo herético —, nada devendo esses sermões à ortodoxia eclesiástica. Acrescente-se que ali se ouve a voz de um sertanejo letrado, apesar de uma gramática por vezes claudicante, sabendo expressar-se e formular seus argumentos.

O volume, análogo a este que ora apresentamos, subverteu o que se julgava saber.⁷ Seu aparecimento em 1974 foi a primeira evidência de que eram equivocados os pareceres tanto dos contemporâneos quanto dos pósteros que a respeito tinham escrito.

⁶ NOGUEIRA, Ataliba. *Antonio Conselheiro e Canudos: revisão histórica*. São Paulo: Ed. Nacional, 1974.

⁷ NOGUEIRA, op. cit., 1974.



Ostentando o título barroco de *Tempestades que se levantam no Coração de Maria por ocasião do mistério da Anunciação*, o livro consta de uma primeira parte com 29 mistérios mariais, conforme o título indica, cada um ocupando uma prédica. A segunda parte traz dez sermões, dedicados aos dez mandamentos da lei de Deus; a terceira, textos das Escrituras Sagradas com comentários; e a quarta,⁸ prédicas de circunstância sobre a cruz, a missa, a confissão, o recebimento da chave da Igreja de Santo Antônio, padroeiro de Belo Monte, etc. Seguem-se o famigerado sermão contra a República e a Despedida.

A teologia do Conselheiro, que ali se expressa,⁸ ressalta o papel de Maria na obra da salvação, graças a suas relações com Jesus Cristo, seu Filho e seu Deus: Jesus Cristo é o Redentor e a Igreja o único caminho para a salvação. Reconhecem-se nas grandes linhas os postulados da Contra-Reforma, estabelecidos, inicialmente, pelo Concílio de Trento e, mais tarde, reafirmados no Vaticano I, sem esquecer que o auge da devoção mariológica é atingido nos anos de oitocentos. Decreta-se o dogma da Imaculada Conceção em 1854 e registram-se aparições miraculosas por toda parte, sendo a mais renomada a de Lourdes, na França, em 1858.⁹ O culto à Virgem seria difundido nos sertões nesse século, quando o líder espiritual mais destacado daquelas paragens, o padre cearense Ibiapina, acrescentaria a seu nome o de Maria, recomendando aos fiéis que imitassem seu gesto.

Tem sido indicada como fonte mais imediata do Conselheiro a *Missão abreviada*, um sermonário popular oitocentista originário de Portugal e sancionado pela Igreja. Teve papel de relevo naqueles tempos e, largamente divulgado em nosso país, viria a se tornar um eficiente instrumento para o apostolado leigo, onipresente nas mãos de pregadores beatos. Esses sermões do Conselheiro adaptam a *Missão abreviada*, resumindo, explicitando, operando permutas e combinações de suas partes, mas deixando o modelo reconhecível.¹⁰ Outras fontes já foram assinaladas, como o devocionário *Horas marianas* e as *Práticas mandamentais*.¹¹

Descreve-se ali um universo hierarquizado, com cada um em seu lugar, apondo o beneplácito da religião à desigualdade e à opressão dos mais fracos pelos mais fortes. Teocracia e Monarquia se completam: cabe ao Papa o comando da ordem

⁸ CF FIORIN, José Luiz. *A ilusão da liberdade discursiva: uma análise das prédicas de Antonio Conselheiro*. 1980. 306f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1980; Id. O discurso de Antonio Conselheiro. *Religião e Sociedade*, n. 5, jun. 1980; SOUZA NETTO, F. Benjamim de. Antonio Conselheiro e Canudos: resenha bibliográfica. *Simpósio*, São Paulo, Associação dos Seminários Teológicos Evangélicos, n. 13, ago. 1975; MONTEIRO, Duglas Teixeira. Um confronto entre Canudos, Juazeiro e Contestado. In: *HISTÓRIA geral da civilização brasileira*. Direção de Sergio Buarque de Holanda. 2. ed. São Paulo: DIFEL, 1978. t. 3, v. 2 O Brasil republicano: sociedade e instituições (1889-1930).

⁹ Só em 1950 o ciclo se completaria, com a Assunção da Virgem, ou subida aos céus de corpo presente, tornada dogma.

¹⁰ V. os dois trabalhos citados de Fiorin.

¹¹ Cf. NOGUEIRA, op. cit., 1974.

espiritual assim como ao rei o da ordem temporal. A vida humana na Terra nada mais é do que um “ínterim” indispensável para a intervenção salvífica da redenção.

Configura-se assim um ideário conservador que será corroborado em outros pontos. Acata-se a existência de ricos e pobres, cabendo aos primeiros dar assistência aos segundos por meio do exercício da caridade, que os segundos devem solicitar. A propriedade deve ser respeitada e o roubo proibido. Reconhece-se o direito divino dos reis, que reinam por sanção de Deus. A família é modelo do funcionamento universal, rei e Deus sendo análogos ao pai para com os filhos. Consideram-se judeus, maçons, protestantes e republicanos como os adversários da Igreja, sendo sua arma a pregação de falsas doutrinas. O Diabo está atento e, para não se condenar à danação, o homem deve praticar a ascese, a oração, a penitência.

Entretanto, num único ponto a pregação do Conselheiro destoa da posição conservadora, que recomenda manter a situação vigente mesmo quando injusta. Este ponto é a escravidão, contra a qual se pronuncia com clareza, exaltando a princesa Isabel como benemérita dos cativos. E, como se sabe, grande parte de seu séquito era constituída por antigos escravos, os temíveis *treze-de-maio*, também conhecidos como *carijés* na região. O Conselheiro os acolhia e para eles pregava.

A HISTÓRIA ORAL E A PERSPECTIVA INTERNA

Divergindo, por sua natureza, do material fornecido pelos dois manuscritos, outro eixo de investigação igualmente acarreta sondagens da área por assim dizer *interna*. Nela se distinguiu aquele a quem devemos a descoberta de tantos documentos, o historiador José Calasans, da Universidade Federal da Bahia.

Coube a ele a pioneira e definitiva incursão realizada pela história oral, quando, ainda nos anos 50, cometeu a façanha de entrevistar sobreviventes da guerra. Mereceram suas atenções não só os circunstantes anônimos, mas figuras de prol, como por exemplo Pedrão — um dos cabecilhas e chefe de piquete no confronto bélico, membro da seleta dúzia que compunha a Guarda Católica, auxiliar direto de Antonio Conselheiro — objeto de panegíricos por sua bravura em todos os testemunhos, sem excetuar o de Euclides da Cunha. Escreveria inúmeros trabalhos sobre facetas mais obscuras, como os inícios da peregrinação do líder místico; a composição de seu séquito; as igrejas e cemitérios que edificou ou reparou; os caminhos que palmilhou; as trajetórias pessoais dos principais canudenses; a poesia popular que se originou dos eventos de Canudos; a etimologia da palavra jagunço, etc., etc., etc.

Como se sabe, após a degola dos prisioneiros válidos e a distribuição das mulheres e crianças que restavam, Canudos, arrasada pelo canhoneio e pelas chamas, se esvaziou. Mas, aos poucos, alguns sobreviventes foram retornando e se reinstalando, mesmo que precariamente. Nos anos de 1930, os trabalhadores que labutavam na abertura da estrada Transnordestina, cujo traçado por ali passava,

foram se assentando no local. Seguiu-se a construção do vasto açude de Cocorobó pelo Inspetoria Federal de Obras Contra Secas (IFOCS) — futuramente Departamento Nacional de Obras Contra a Seca (DNOCS) —, quando o povoamento se intensificou, graças às novas levas de mão-de-obra. Guardou-se por ali a lembrança de que teria sido Getúlio Vargas, visitando a região nos anos 40, que prometera a providência tão necessária. A represa aproveitou a depressão constituída pelo desfiladeiro ou garganta quase inexpugnável — o passo de Cocorobó — onde um dos mais renhidos combates da campanha se travara.

Foi por ocasião do cinquentenário do fim da guerra, celebrado em 1947, que Odorico Tavares, jornalista pernambucano radicado na Bahia, publicou na revista *O Cruzeiro*, do Rio de Janeiro, uma matéria feita no local e ilustrada com fotos clicadas por um jovem fotógrafo francês, Pierre Verger. Ainda conseguiu entrevistar antigos conselheiristas, como Francisca Macambira, filha do importante chefe canudense Joaquim Macambira, Maria Avelina da Silva, Mariano, Francisca Guilhermina dos Santos, José Travessia, filho de um combatente que tombou ao lado de João Abade, Manuel Ciriaco, Francisco Cardoso de Macedo, Maria Guilhermina de Jesus, Idalina Maria da Conceição.

Nas pegadas de Odorico Tavares seguiria José Calasans, cuja atenção fora despertada pela reportagem. À época, o historiador se especializava em folclore e estava justamente terminando sua tese, intitulada *O ciclo folclórico do Bom Jesus Conselheiro*,¹² na qual recolheu e analisou uma farta safra temática. Calasans efetuará a partir de 1950 várias viagens à região, nas quais anotaria depoimentos,¹³ acrescentando aos que o jornalista tomara vários outros, entre eles os de Pedrão — privilegiado, por provir de um dos maiores —, de José Ciriaco, que tal como seu irmão Manuel Ciriaco fora combatente, de Ioiô da Professora e do filho do sineiro Timotinho. Este fazia soar as badaladas ao entardecer, sem falhar um dia, para escarmento das tropas, que o alvejavam em revide, até sineiro e sino perecerem quando o canhoneio derrubou a torre da Igreja Velha. Pedrão encontraria em Calasans, com quem conversou muitas vezes, um admirador, pois, apesar de entrevado e sem locomoção, continuava indômito, dizendo de si mesmo: “Faz pena um homem como eu morrer sentado...”.

Desse modo, José Calasans fincaria o padrão de um movimento renovador dos estudos sobre Canudos, procurando ventilar outros ângulos, que no processo tinham ficado obscurecidos pelo brilho de *Os sertões*. Ao longo dos anos, como vimos, o próprio historiador foi publicando um sem-número de trabalhos,

¹² CALASANS, José. *O ciclo folclórico do Bom Jesus Conselheiro*: contribuição ao estudo da Campanha de Canudos. Salvador: Tipografia Beneditina, 1950. 97 p.

¹³ VILLA, Marco Antonio e PINTO, José Carlos da Costa. Calasans, um depoimento para a história (org.). Salvador: UNEB, 1998, p. 26.

esclarecendo gradativamente vários pontos sobre os quais pouco se sabia. Dentre estes, não custa repetir, tudo aquilo que se refere à vida pregressa de Antonio Conselheiro; os anos de peregrinação e a constituição do séquito; seu papel como líder de mutirões para edificação ou reparação de igrejas, cemitérios e açudes; as histórias de vida das principais personagens do arraial e da guerra; a ambigüidade da posição da Igreja, cuja tomada de partido seria decisiva para a destruição do arraial. Tudo isso — sem esquecer o ponto de origem que foi a prática antecipada da história oral e do cotidiano, bem como o realce devotado à crônica dos vencidos — viria contribuir para, aos poucos, mudar o caráter dos estudos.

Tornou-se obsoleta a hipótese de uma loucura coletiva que se apoderara de Antonio Conselheiro e contagiara seus adeptos,¹⁴ interpretação que predominara durante um bom tempo, mas acabou por cair em descrédito. O que ali ocorrera não era da ordem do patológico, que implicaria a desorganização da vida no arraial, mas, ao contrário, uma “desesperada tentativa no sentido de uma nova organização social”.¹⁵ Clichês pejorativos como os de “fanáticos” e “jagunços” tenderam a desaparecer.

As pesquisas passaram a se voltar para fontes pouco exploradas como: as reportagens feitas pelos enviados especiais ao palco dos acontecimentos; o noticiário dos periódicos; os livros escritos pelos participantes da guerra, sobretudo combatentes; as ordens do dia e outros documentos militares; os relatórios do governo estadual e federal; as atas parlamentares; as cartas trocadas entre a Arquidiocese e os vigários sertanejos; as prédicas do Conselheiro; os arquivos militares locais, até então secretos,¹⁶ feito que devemos a Renato Ferraz, quando capitaneava o novo Centro de Estudos Euclides da Cunha, da Universidade Estadual da Bahia, criado em 1984; a correspondência do barão de Jeremoabo; e assim por diante.

A partir de 1969, terminada a barragem e ante as águas que subiam, os moradores foram obrigados a deixar Canudos, instalando-se à margem do açude de Cocorobó, num povoado que com o tempo adotaria o nome de Nova Canudos. Em 25 de fevereiro de 1985, a Lei Estadual nº 4.404 criou o município de Canudos, desmembrando-o do antigo Cumbe (hoje Euclides da Cunha). E, em 30 de junho de 1986, instaurou-se pelo Decreto 33.333 o Parque Estadual de Canudos, gerido conjuntamente pela Universidade do Estado da Bahia e pela Secretaria de Educação e Cultura. Compreendendo várias instituições e recursos, o parque deverá contar

¹⁴ Cf. RODRIGUES, Nina. A loucura epidêmica de Canudos: Antonio Conselheiro e os jagunços. *Revista Brasileira*. Rio de Janeiro, 1897.

¹⁵ CANDIDO, Antonio. Euclides da Cunha sociólogo. *Remate de Males*: Revista do Departamento de Teoria Literária. São Paulo, p. 29-33, 1999. Número especial. Publicado originalmente no *O Estado de S. Paulo*, 13 dez. 1952.

¹⁶ Cf. ÍNDICE Remissivo: Documentação histórica sobre Canudos. Salvador: Universidade do Estado da Bahia, Centro de Estudos Euclides da Cunha, 1996.

com um museu, um laboratório de arqueologia, uma estação de agronomia e outra de meteorologia, tudo isto convergindo para o objetivo de preservar a área do ponto de vista ecológico, arqueológico, científico, histórico e educacional.¹⁷

Várias campanhas de escavações procederam à prospecção e levantamento de trincheiras, fortificações, cemitérios, material bélico, ossadas, utensílios e restos domésticos, operando o resgate da Fazenda Velha e da Igreja Velha, submetidas a medições e fotos. Esperam-se dessa nova frente de pesquisa aberta pela arqueologia ainda muitas outras revelações.



Dos dois livros de sermões, o presente datado de 24 de maio de 1895 e aquele já publicado de 12 de janeiro de 1897, emerge o austero perfil de um asceta. Sabe-se que sua grei o identificava como o Bom Jesus Conselheiro. No entanto, nesses textos que, ao que tudo indica, emanam diretamente de sua pregação, nada há nesse sentido. O Conselheiro em nenhum momento se declara santo ou divindade. Aos dois manuscritos se apõem seu nome batismal completo — Antonio Vicente Mendes Maciel, filho que era de Vicente Maciel e neto de Antonio Maciel —, e o humilde epíteto, único que se arroga, de “o Peregrino”. Tampouco se faz passar por Dom Sebastião, mesmo que as alusões sebastianistas sejam freqüentes nos folhetos encontrados no arraial e na poesia popular. E nem sequer ali se encontram as promessas extravagantes que lhe atribuíram e que garantiriam a ressurreição a quem por ele se imolasse.

Quanto à relevância desta edição, que descortina um novo campo aos interessados, nem é preciso insistir. Pode-se cogitar em submeter à exegese o conteúdo destes sermões, proceder ao estabelecimento de sua doutrina e pronunciar-se sobre sua ortodoxia. A caligrafia deverá ser sujeita a perícia. E o cotejo com o sermonário já publicado virá enriquecer a discussão acerca da autenticidade de ambos,¹⁸ levando-se em conta as coincidências e as variantes. Será possível decidir se são peças complementares ou alternativas, elucidando as razões de um dos livros ser mariológico e o outro cristológico, o que permitirá compreender melhor o pensamento de Antonio Conselheiro.

É a edição fac-similar de parte deste manuscrito, cuja importância e oportunidade não poderíamos enfatizar mais, que viemos aqui apresentar. Confluindo para o melhor conhecimento dos eventos de Canudos, esta contribuição vem-se

¹⁷ Cf. BOAVENTURA, Edivaldo M. Parque Estadual de Canudos: criação e evolução. *Revista Canudos*, ano 1, n. 1, Salvador, Centro de Estudos Euclides da Cunha, dez. 1996.

¹⁸ Cf. CALASANS, op. cit., 1997

agregar aos eixos mais recentes, representados pela história oral e pela arqueologia. Destacando-se por seu caráter único, os dois manuscritos do Conselheiro, um deles já bastante analisado e este inédito, ora publicado por iniciativa de Fernando da Rocha Peres, diretor do Centro de Estudos Baianos, da Universidade Federal da Bahia, presidirão — são nossos votos — a toda uma linhagem de novos estudos.

FRAGMENTÁRIA*

Fernando da Rocha Peres **

*Quem quiser remédio santo
Lenitivo para tudo
Procure o Conselheiro
Que ele está lá no Canudos.¹
(Sergipe)*

*Monte Santo, outubro 3.
A vitória é infalível. A República é imortal.
(Cunha, Euclides da. *Canudos: diário de uma expedição*. 1897.)*

Cesura I – PROSCÊNIO

Clio, com manto de luz e sombra, sabe reservar surpresas. Os fatos acontecem, o tempo decorre, escorre, alguns registros ficam: orais e grafados. O homem, com sua voz, e a escrita de várias letras e línguas, tantos conteúdos, falas, gestos, objetos, muitas técnicas, diz e desdiz, contando e escrevendo, inscrevendo, recontando, memorizando, imprimindo, hoje *disquetando*, *internetando*. Muitos documentos perecem e outros ressurgem. *Clio*, impassível, tudo observa e aguarda.

Cesura II – BREVIÁRIO

Após essa incisão poética, é bom entrar no assunto que desejo abordar, arranhar. A edição, em *fragmentos*,² do *Breviário de Antonio Conselheiro*, assim denomino este documento, um *códex*, é uma dupla inscrição: ao centenário de *Os sertões* (1902-2002), de Euclides da Cunha, e aos estudos de José Calasans Brandão da Silva (1915-2001) sobre *Canudos* e o séquito do Conselheiro.³

* Este texto vai escrito *in memoriam* de Antônio Vicente Mendes Maciel, Euclides da Cunha e José Calasans.

**Professor Adjunto IV do Departamento de História da Universidade Federal da Bahia.

A Bahia — lugar e cenário da Guerra de Canudos e chão onde pisou Euclides da Cunha para escrever o seu enleado livro — sai na frente, revelando, em *fragmentos*, um precioso manuscrito datado de 1895.⁴ É o que intitulo de *Breviário de Antonio Conselheiro*, objeto de um texto introdutório de Walnice Nogueira Galvão,⁵ que acompanha e enriquece esta publicação com a sua palavra autorizada.

Cesura III – MANUSCRITO

O manuscrito (*ms.* 1895) está dividido em duas partes distintas: na primeira, a transcrição, cópia, dos *Santos Evangelhos*⁶ e na segunda, os *Apontamentos dos Preceitos / da Divina Lei de Nosso Senhor / Jesus Christo, para a salvação / dos homens*.⁷

A fonte documental, que agora está editada em fac-símile, *fragmentariamente*, tem enorme interesse não só para os estudos referentes a Antônio Vicente Mendes Maciel (1830-1897), o Conselheiro,⁸ sua religiosidade, suas leituras e influências, seus *conselhos*, sua pregação, liderança, vida sofrida, crua e devotada, junto a seus liderados e seguidores, mas também para abordagens de natureza histórica, antropológica, teológica, lingüística, paleográfica e demais afinidades, infinitudes e especialidades.

O seu “achamento” teria ocorrido em **Canudos** — possivelmente após a destruição total e ocupação do sítio ou arraial conselheirista e a *degola* de 1897 —, na casa chamada *Santuário*, onde o Conselheiro habitava.⁹

O *ms.* 1895 foi oferecido — não sei se encontrado ou apresado — por um militar, brigada¹⁰ do 25º Batalhão de Infantaria,¹¹ Eugênio Carolino de Sayão Carvalho, ao então diretor do *Jornal de Notícias*, em Salvador, Aloísio de Carvalho (1866-1942), jornalista e poeta, e conservado pelo professor Aloísio de Carvalho Filho (1901-1970), penalista e ex-senador da República. Quando da morte do senador Aloísio de Carvalho Filho, em 1970, as suas filhas bem fizeram a doação do *códice*, por instância de Paulo Maciel, ao professor José Calasans, que relatou, concisamente, em um dos seus trabalhos,¹² a passagem de mão em mão do raro documento. E outro gesto de benevolência e generosidade permite hoje a edição presente, mesmo *fragmentada*, pois José Calasans, criador do Núcleo Sertão,¹³ direcionou a doação ao patrimônio público da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Fica recontada, em quatro momentos, a permanência do *Breviário de Antonio Conselheiro*.

Cesura IV – CONSELHEIRO

Se intitulei o livro de *Breviário* foi, evidentemente, pelo seu conteúdo, pois o mesmo, ao pé da letra, serviu de “modelo e contém um ensinamento indispensável” para a prática de um catolicismo popular, um *breviarium* do “ofício divino”, ao

exercício do Peregrino Conselheiro, às suas leituras, aos seus *aconselhamentos* e às suas prédicas de líder religioso, político e militar, que galvanizou o sertão nordestino, em especial o baiano, durante anos (Masseté, 1893 – Canudos, 1897) e assustou o “poder”, o Brasil de norte a sul, a velhíssima República, então nascente, os militares, os políticos, os coronéis regionais,¹⁴ com uma resistência obstinada e guerreira. A criação de um “personagem”, “um clima”, “um cenário”, resultou em um “discurso” e na guerra. *Clio* bem sabe.

Já nos anos 1890, as relações de Antonio Conselheiro, dos conselheiristas, homens, mulheres e crianças, seus beatos, jagunços e seguidores com a Igreja Católica, nas regiões onde o Peregrino andou e pregou, não eram boas. O clero local temia sua presença e atuação. A *Igreja sertaneja*, latente e vibrante do Conselheiro, na mesma época, tinha uma outra face, também viva e crescente, nas terras cearenses. No interior da Bahia, **Canudos** e Antonio Vicente Mendes Maciel, leigo e cristão, considerado um monarquista; no interior do Ceará, Cícero Romão Batista (1844-1934), padre e excomungado, político militante. Ambos “fanáticos” e *heterodoxos*; um enfrentou o poder civil, eclesiástico e militar, com uma guerra de difamações e degola, o outro enfrentou a Igreja, a Santa Sé, com um processo de excomunhão que hoje, em 2001, começa a ser revisto pelo Vaticano e, quem sabe, não nasce um *beato Padim*, líder de sertanejos cristãos-populares, o *Ciço*.

Cesura V – BÍBLIA

Entre as inquietações e dúvidas que carregarei sempre em relação a este *códice* (*ms.* 1895), fica marcante o porquê da sua existência, mandada fazer e guardada por Antonio Conselheiro, nos últimos dois anos de **Canudos**. Por que não uma *Bíblia* impressa, para seu uso, já que esta circulava no Brasil? Quis o Conselheiro ter e legar a sua *Vulgata*¹⁵ sertaneja? Devo assim denominá-la?

Diante desse “detalhe”, recorri a amigos, padres também, não para resolver ou responder as questões, mas para localizar uma *Bíblia*, de circulação permitida no Brasil já em 1895, e da qual foi retirado e transcrito por copista¹⁶ o que interessava, suponho, à “visão religiosa” do Conselheiro.

E marchei em demanda da *Bíblia*, matriz da cópia, na “primeira parte” do *manuscrito* e o seu lastro, que é:

Novo Testamento/Vida de/Nosso Senhor Jesus Christo/Contendo os/Santos Evangelhos, Actos dos Apostolos,/Epistolas, e Apocalypse./Tradução do/Padre Antonio Pereira de Figueiredo/Illustrada com Prefações, Notas, Lições Variantes, Etc./Publicado Sob Os Auspícios/do Eminentíssimo Senhor/Cardeal Patriarcha./Empresarios/Silva e Souza. – Escripório na Travessa da Era/(Aos Paulistas) nº 3//Typographia/de Joaquim Germano de Souza Neves./Rua da Caldeira nº 6/Lisboa/1857.¹⁷

Essa preciosidade também faz parte do Núcleo Sertão da UFBA/CEB e foi pertença do padre Oliva (?) e do poeta Godofredo Filho (1904-1992), que certamente ofertou-a ao professor José Calasans, pois, na *Bíblia*, há um carimbo (?) do primeiro possuidor e uma assinatura do segundo.

Cesura VI – LEITURA

Lendo o seu texto bilíngüe (latim/português), uma tradução da *Vulgata* de S. Jerônimo,¹⁸ realizada pelo padre Antonio Pereira de Figueiredo,¹⁹ estou persuadido de que essa *Bíblia*, nesta edição de 1857, foi o *manancial* usado para a transcrição em cópia.

Se andejo nessa romaria, nesses *passos* ao **Belo Monte**, quanto ao uso da edição de 1857, é porque o Arcebispado da Bahia, em 20 de outubro de 1855, por autorização de Dom Romualdo Antônio de Seixas (arcebispo, 1828-1860), permitiu a sua circulação:

“[...] aos Reverendos Parochos da Nossa Dioceze, [...] persuadam aos seus Parochianos que se utilizem deste providente auxílio, para sua mais fácil e sollida instrucção, e saudavel correctivo contra essas Biblias protestantes que por ahi correm, destituidas das condições prescriptas pela Igreja Catholica”.²⁰

Por ter ocorrido essa chancela arquiépiscopal é que estou inclinado a caminhar essa afirmativa, mas com a fonte na mão e, mais ainda, por um “breve” cotejo que fiz entre a *tradução* e o *manuscrito*, em quatro capítulos, os primeiros do *Evangelho de S. Mateus*.²¹

A partir dessa “colação” dos textos, pude observar, com expectativas de que especialistas se disponham à empresa do *cotejo geral*, não só quanto aos *Santos Evangelhos*, mas também a uma pesquisa das fontes matriciais da “segunda parte” do *manuscrito*.²²

Cesura VII – TRANSCRIÇÃO

No *Breviário de Antonio Conselheiro*, algumas alterações ou supressões são perceptíveis, em leitura de corte, promovidas, voluntária ou involuntariamente pelo(s) copista(s), na transcrição, conforme os textos que confrontei (*manuscrito* e *Bíblia*), as quais aponto sumariamente:

a) o *ms.* 1895 utiliza e mantém o texto da *Bíblia* de 1857, apresentando, porém, algumas oscilações gráficas e, por vezes, recorrendo a soluções mais arcaizantes na transcrição ou corrigindo incorreções de natureza tipográfica do original impresso ou texto fonte;

b) de modo significativo, tenho que destacar, na cópia manuscrita, a supressão da indicação numérica dos *versículos*,²³ das *notas* (ao pé da página) do tradutor, da *marginália* ou remissões a outras passagens bíblicas, ao lado esquerdo do texto em latim;

c) ainda mais importante é, sem qualquer dúvida, a transcrição ou cópia do fragmento a saber:

E elle não na conheceu, em /
quanto ella não pario ao seu
Primoge / nito: e lhe poz por nome
Jesus. (*Bíblia*, 1857, Mt 2,25)

E ella pario o seu Primogenito e
poz o nome de Jesus. (*ms.* 1895, fol. 3)

É interessante destacar que o copista “omitiu” da *Bíblia*, na transcrição: “E elle não na conheceu, em / quanto ella [...]”. Esta *omissão intencional* do copista sobre o nascimento de Jesus e a *virgindade* posterior de Maria tem, em verdade, diversas conotações teológicas, interpretativas, muito especializadas, as quais escapam ao objeto desta edição *fragmentada* do *ms.* 1895, e remetem, com certeza, a estudos outros, os quais não sou capaz de empreender.

Desse conciso cotejo, nada lacônico, do *ms.* 1895 com a *Bíblia* 1857, ficam algumas “inquietações”, a serem respondidas, com respeito às oscilações, supressões e omissões que devem existir na totalidade da transcrição para o *códice*. Uma delas, de natureza fideísta, marca sobremodo a *releitura* de um ponto nodal da *Bíblia*, do *Novo Testamento*, quanto às relações conjugais entre José e Maria.²⁴

Também vale acentuar que, nas duas fontes *bíblicas* acima transcritas, há uma “sutil” diferença quanto a quem pôs no Messias o nome Jesus: José ou Maria? Nas *Bíblias* hodiernas, em português, os tradutores são claros (vide nota 24) ao dizerem que José “deu o nome” ou “lhe pôs o nome”: em Mt 2,25.

Cesura VIII – RELATÓRIO

Deve-se, com certeza, notar e grifar, a partir da pista levantada pelo professor José Calasans, a *coincidência* da datação desse *manuscrito* para 1895, com a presença do reverendo frei João Evangelista de Monte Marciano, e mais dois clérigos, em **Canudos**, no mesmo ano, em *missão pastoral*, dentro do arraial e de suas trincheiras, seus contatos e insucessos com os habitantes da cidadela, junto aos jagunços e ao próprio Antonio Conselheiro.

Desse desencontro resultou um *Relatório* de frei João Evangelista,²⁵ publicado em 1895, que é um sumário histórico da *visita* da Igreja Romana a **Canudos**, na tentativa de convencer, aliciar e amansar os conselheiristas, como bem diz o seu autor sobre as dificuldades do seu “verbo” pastoral:

“Estas minhas palavras irritaram o animo de muitos, e desde logo começaram a fazer propaganda contra a missão e os missionários, arredando o povo de vir assistir a pregação de

um padre *maçon, protestante e republicano*, e dirigindo-me, quando passavam e até ao pé do púlpito, ameaças de castigo e até de morte”.

Nestas “impressões” do frei João pode-se ler e sentir o clima da frustrada “missão”, com os ingredientes necessários, na palavra escrita no *Relatório*, da postura do povaréu de **Canudos** diante do pregador eclesiástico, no campo da futura guerra de 1897, ao inquirirem ou rotularem o missionário de “maçon, protestante e republicano”.

A *mentalidade* do tempo, com relação a **Canudos** e ao Conselheiro, a visão da Igreja Católica, da imprensa, da “inteligência”,²⁶ do tateante, ainda, e violento governo republicano, dos políticos, dos coronéis da terra, estão assentes em outro trecho do *Relatório*, cáustico e parcial, ao referir-se, sem arremedo, ao lugar da *Religião* dentro de **Canudos**, na cabeça dos jagunços e na palavra do Divino Antonio:

“A seita politico-religiosa, estabelecida e intrincheirada nos Canudos, não é só um foco de superstição e fanatismo e um pequeno schisma na igreja bahiana; é, principalmente, um núcleo, na aparência desprezível, mas um tanto perigoso e funesto de ousada resistência e hostilidade ao governo constituído do paiz”.

Cesura IX – CISMA

Não vou alongar-me sobre o *Relatório* do frei João, mas quero gizar as suas observações, já correntes na época, como representante da Arquidiocese, de que em **Canudos** havia uma “seita político-religiosa” — aqui o seu toque republicanista —, “um foco de superstição e fanatismo” — aqui os seus arquétipos ou estereótipos ortodoxos romanos — e “um pequeno schisma na igreja bahiana” — aqui uma revelação e afirmativa —, que não elidem, mas só confirmam, a presença de uma apreensão, na Cúria baiana, com o que ocorria em **Canudos**, na *Igreja sertaneja* de um outro missionário, *aconselhador*, leitor da *Bíblia*, líder de oprimidos, com a palavra de Jesus.

Era, com certeza, a *criação* de um “schisma”, local e nacional, nutrido de interesses vários, eleitoreiros e fundiários, econômicos e militares, de uma brutal luta entre jagunços, ditos *monarquistas*, pela palavra do seu chefe Conselheiro, em **Canudos**, e tropas advindas de quase todo o Brasil (da Amazônia e dos pampas sulinos), estas *republicanas* ou em seu nome, que iriam enfrentar despossuídos e ex-escravos negros, índios também, carentes todos, sertanejos, miseráveis e armados e ardilosos, “fanáticos” (como eram insistentemente chamados), na arte do ataque e da defesa em terra que conheciam. Aquele “schisma” político passou também a ser (e por que não?) o móvel para justificar as reações advindas do poder instituído, um “schisma” de uma “seita político-religiosa”, como disse o emissário capuchinho frei João. Estava fechado, então, no tempo pretérito, com o *Relatório*, o circuito da *incompreensão e intolerância* que tudo justificaria, fato este tão presente na história da humanidade “arcaica” do século XIX e ainda no início atropelado do século XXI, tão “pós-moderno”.

Desvendar e redesenhar essa montagem de datas, pelo “achamento” do *manuscrito* de uso do Conselheiro e o *Relatório* de frei João, é um liame para encontrar as razões da existência da *Vulgata* sertaneja. Por que só no ápice da refrega em **Canudos** é que foram feitos os dois *códices*, entre datas de 1895 e 1897? Antes da existência das *cópias*, em que fontes religiosas leu o Conselheiro? Responder a estas questões quem há de? O manto da sombra está presente: *Clio* veste e reveste, desveste.

Cesura X – DIVERGÊNCIAS

O escritor e jurista Ataliba Nogueira, em livro bastante recorrido e referenciado,²⁷ apresenta e descreve, aos estudiosos sobre **Canudos**, um outro *manuscrito*, datado de 1897, ano da refrega final, asseverando com muita certeza: “A obra manuscrita é autêntica e do punho do Conselheiro”.

Não há como duvidar da autenticidade do *manuscrito*, pois ele “existe” enquanto documento histórico, e, até prova em contrário, não foi forjado ou trata-se de uma fraude historiográfica. O que é discutível — com a palavra os paleógrafos — é se este segundo *manuscrito*, de 1897, assim como o primeiro, de 1895, são do “punho do Conselheiro”.

Dirimida esta dúvida, por uma negativa, a afirmação da autoria estaria prejudicada, mas nem por isso o documento perderia o seu interesse. Além do mais, o próprio Ataliba Nogueira estende duas provas peremptórias: uma tendo em vista a “escrita” na folha de rosto do *ms.* 1897: “A presente obra mandou subscrever / o peregrino / [...]”, considerando que na “ordem” do verbo *mandar* estaria contida a “profunda humildade” do Conselheiro, para, em seguida, na seqüência das suas “provas”, dizer: “a caligrafia do texto e a assinatura são suas, as mesmas que se podem ver em duas cartas emolduradas e suspensas na parede do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia”. Fui na pista das cartas e as localizei (não emolduradas e penduradas!) no arquivo do IGHB, as quais vão reproduzidas nesta edição do *Breviário de Antonio Conselheiro*, em apêndice, para que os especialistas, volto a repisar, possam fazer as leituras e comparações paleográficas nos *manuscritos*. É certo que, no *ms.* 1895, há também uma inscrição, na sua segunda parte, que “levaria” o leitor ao mesmo “equivoco” (?) da autoria: “Apontamentos dos Preceitos / [...]. / Pelo Peregrino [...]. / No Povoado do / Bello Monte, [...] / 1895”; o que caberia ser “reduzido” e lido a *Apontamentos Pelo Peregrino*, sem mais análises ou volteios sobre o “temperamento” do Conselheiro. Não vou incorrer neste risco.

Ainda o acadêmico Ataliba Nogueira remete às fontes de Antonio Conselheiro, ao nominar as *Horas marianas* e a *Missão abreviada*,²⁸ e menciona o *ms.* 1895 sem qualquer preocupação, nem mesmo de datação, dizendo da sua passagem, em 1972, às mãos do historiador José Calasans.

Mais próximo de um desfecho das andanças do *ms.* 1897, Ataliba Nogueira informa que, por doação de João de Souza Pondé,²⁹ o mesmo veio a pertencer a Afrânio Peixoto (1876-1947), tendo o escritor oferecido o *códice* com a seguinte dedicatória: “Passo-o a Euclides da Cunha, na esperança de lhe informar alguma nota dos seus miríficos ‘Sertões’. O elogio de Afrânio Peixoto a *Os sertões*, considerando-os “miríficos”, poderia *insinuar* que o livro de Euclides da Cunha já estivesse em elaboração, no prelo ou em revisão, ao qual “alguma nota” seria acrescentada, no processo da escrita ou depois. E, no mesmo diapasão, Ataliba Nogueira conta que esse presente foi oferecido a Euclides da Cunha meses antes da sua morte, ocorrida quando o escritor estava envolvido com a nomeação para o Ginásio Pedro II, no Rio de Janeiro, e “remoendo o seu caso familiar”. E acrescenta Ataliba Nogueira: “É provável que [Euclides da Cunha] nem tenha lido sequer a primeira página do manuscrito [...]”.

Acompanhando-se uma cronologia de Euclides da Cunha (1866-1909), sente-se que *Os sertões*, na sua gênese, passou por várias demãos das penas euclidianas, desde as poucas páginas da *Caderneta de campo*, só publicadas em 1931, o *Diário de uma expedição*, só editado em 1939, aos artigos de *O Estado de S. Paulo* sobre a “campanha de Canudos”, em 1897, o mesmo ano do seu embarque para a Bahia e *Canudos*, ao plano de um livro, publicado no *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, ainda em 1897, ao artigo “Excerto de um livro inédito”, já intitulado *Os sertões*, em 1898, em *O Estado de S. Paulo*, para retomar o seu texto, quando divulga “A guerra do sertão”, na *Revista Brasileira*, e termina a sua escrita em 1900, com a entrega, um ano após, aos editores, e vê suas primeiras provas tipográficas em 1902, em janeiro, e sua materialização em brochura no mês de dezembro.

Confira-se, em princípio, a construção de *Os sertões*, de 1897 a 1902, quando haveria tempo de Euclides da Cunha ter consultado o *ms.* 1897, caso a sua entrega ao escritor tivesse sobrevivendo no período acima, ao menos em 1898, e não “meses antes da sua morte”, em 1909, quando o livro já estava publicado e em processo de consagração crítica, e o escritor já fazia parte da Academia Brasileira de Letras, desde 1903.

O contato de Euclides da Cunha com a terra, a gente e a batalha para a escrita de *Os sertões*, que me perdoem os seus exegetas, flutuante entre anotações de campo, diário, jornalismo, memorialística e ficção, em estilo seco e grandiloquente, contou com a permanência do autor na Bahia, em 1897, na capital e no interior (embarque para a Bahia, no vapor Espírito Santo, em 4 de agosto, chegando em Salvador a 7 de agosto, ida a Monte Santo em 7 de setembro, de onde segue para *Canudos* a 13 do mesmo mês; *Canudos* de 16 de setembro a 9 de outubro, quando retorna a Salvador, e já encontra-se no Rio de Janeiro em 17 de outubro), por pouco tempo, de 7 de agosto a 9 de outubro (dois meses e dois dias), como correspondente de guerra do jornal *O Estado de S. Paulo*, as observações

in loco e outras fontes, informantes e leituras, que não é oportuno recorrer. Ao retornar ao texto de *Os sertões* para escrever esta *Fragmentária* ao *Breviário de Antonio Conselheiro*, pude reler que Euclides da Cunha não só reforçou os “estereótipos” correntes na época sobre o Conselheiro (doente grave, gnóstico bronco, paranóico, desequilibrado, anacoreta sombrio, retrógrado do sertão, desnorteado apóstolo, treloucado), calcado na literatura médica e jurídica, mas também ajudou na fixação das suas fontes religiosas; e o que mais impressionou-me, nessa releitura dirigida, foi a “possibilidade” da sua consulta, sem muito interesse (será que também ao ms. 1897?), aos “papéis” existentes nos escombros de **Canudos**, como lê-se, claramente, ao descrever o rescaldo do “butim” após a “vitória”:

“Ora, no mais pobre dos saques que regista a História, onde foram despojos opimos imagens mutiladas e rosários de coco, o que mais acirrava a cobiça dos vitoriosos eram as cartas, quaisquer escritos e, principalmente, os desgraçados versos encontrados. Pobres papéis, [...]. Valiam tudo porque nada valiam. Registravam as prédicas de Antonio Conselheiro; e, lendo-as (grifo meu), põe-se de manifesto quanto eram elas afinal inócuas, refletindo o turvamento intelectual de um infeliz. Porque o que nelas vibra em todas as linhas, é a mesma religiosidade difusa e incongruente, bem pouca significação política permitindo emprestar-se às tendências messiânicas expostas”.³⁰

Relendo e grifando o texto euclidiano, não posso afirmar que o escritor *nada* conheceu de um dos dois *manuscritos* ou dos “papéis” encontrados em **Canudos**. Manuseando e “lendo” as *prédicas* do Peregrino, Euclides da Cunha, ao menos no meu entendimento, emitiu um juízo de valor sobre a eficácia doutrinária das palavras do líder junto aos conselheiristas, beatos e jagunços, ao considerá-las “inócuas, refletindo o turvamento intelectual de um infeliz”, e acentuou, nessa breve e ácida crítica, que as conheceu, “lendo-as” — e não de viva voz — nos “pobres papéis” onde perdurava uma “religiosidade difusa e incongruente”. A *Vulgata* sertaneja, o cristianismo indomado de **Canudos**, não foi entendido e, ainda hoje, merece atenção renovada. Os *manuscritos* lá estiveram, no arraial, e foram recolhidos, gestos estes que muito contribuíram para a duração e conservação dos importantes documentos.

Cesura XI – HISTÓRIA

Findo esta *Fragmentária*, com maiores perplexidades e dúvidas, na certeza de que os estudos sobre **Canudos**, o Conselheiro, a guerra e o relato euclidiano e outras fontes, inéditas ou não, abram veredas para novas pesquisas sobre a condição humana do sertanejo no passado e no presente.³¹ A história não pára e tem suas periodizações, sua *duração*, mas sempre uma musa, *Clio*, observa a maquinação humana no Nordeste brasileiro e no Oriente distante, ainda hoje.

Cesura XII – EPÍLOGO

Esta *Fragmentária* não poderia deixar de ter um epílogo, pois não sei se estou motivado a voltar ao tema e não quero relegar somente para as notas — tantas neste texto — três documentos sobre Canudos, dois de 1895, quando o Conselheiro ainda estava vivo, e outro de 1902, cinco anos após a sua exumação e degola:

“[...] o porte grave e ar penitente, davam-lhe ao todo uma aparência que não pouco teria contribuído para enganar a attrahir o povo simples e ignorante dos nossos sertões”.³²

“[...] uma faca jeitosamente brandida, naquela mesma atitude, cortou-lha; e a face horrenda, empastada de escaras e sânie, aparecem ainda uma vez ante aqueles triunfadores. Trouxeram depois para o litoral, onde deliravam multidões em festa, aquele crânio. Que a ciência dissesse a ultima palavra. Ali estavam, no relevo de circunvoluções expressivas, as linhas essenciais do crime e da loucura [...]”.³³

E com o distanciamento de 106 anos, para retomar a dramaticidade dos fatos, revolteia um *dístico*, posto por mão diversa, sabe-se lá por quem e quando, no verso da folha de guarda do *ms.* 1895 (seria um epitáfio?), o qual sintetiza o temor e o ódio contra o Peregrino:

Antonio Conselheiro infame bandido.

Ainda neste epílogo, agora costurando tudo ou remendando, se desejarem, quero lembrar um livro que foi tese de doutoramento na Universidade Gregoriana, em Roma, no ano de 1987, do professor Alexandre Otten, S.V.D.³⁴ Neste grande retorno aos assuntos religiosos do *Predicador* Antonio Vicente Mendes Maciel, o Conselheiro, o autor percorre com erudição as questões políticas, científicas, biográficas, históricas e teológicas, que transformam o tema de *Canudos*, sua guerra e personagens, em um grande repositório de encontros e desencontros nos sertões da Bahia, para afirmar, com ênfase necessária:

- “Conselheiro é homem simples, provém do povo. Do seu carisma profético e de sua *vita apostolica* nasce um projeto escatológico de uma *vita communis* de estruturas simples, mas eficazes, nos moldes da convivência da Igreja primitiva. Ele não faz a tentativa de reorganizar a sociedade sertaneja. Conselheiro não tem nenhuma ascendência sobre as elites que o ridicularizam; dirige-se aos pobres. É, desse modo, que ele realiza um êxodo. Segundo a sabedoria evangélica popular, que é melhor servir a Deus do que ao tirano”.³⁵

Ao fechar o pano de boca, deixando as questões e inquietações na sala vazia, observo, ainda, a presença de uma espectadora: *Clio*, revestida de luz e sombra, permanece atenta, cerzindo o seu manto.

Salvador, 30 de janeiro 2002

Notas

- ¹ CALASANS, José. *A Guerra de Canudos na poesia popular*. Salvador: Centro de Estudos Baianos, 1952. p. 3. (Centro de Estudos Baianos, 14).
- ² Divulgo este *Breviário* de Antonio Conselheiro de forma “abreviada” e fragmentária por motivos financeiros. Não houve orçamento que suportasse o custo de uma edição integral do *manuscrito*. A totalidade do documento fica disponível, para o interessado, pesquisador e estudioso, após solicitação (ceb@ufba.br), com o desejo de que tudo frutifique.
- ³ José Calasans muito inovou na pesquisa sobre **Canudos** e a guerra desde 1950, abrindo novas seteiras, com vários trabalhos publicados e, principalmente, com sua generosidade ao orientar diversos pesquisadores e passando suas fontes de conhecimento em relação ao tema. Pouco antes da sua morte, fui consultá-lo, em companhia de Maria Zelinda Ferreira Lopes, bibliotecária do Centro de Estudos Baianos (CEB), Núcleo Sertão, sobre a publicação do *manuscrito* de 1895 e recebi sua concordância. É a homenagem dos seus amigos e discípulos a quem tanto contribuiu para desbravar a senda do **Belo Monte**.
- ⁴ A datação do documento *manuscrito* está *fixada*, em sua segunda parte, nos *Apontamentos dos Preceitos / da Divina Lei de Nosso Senhor / Jesus Christo, para a salvação / dos homens. / Pelo Peregrino / Antonio Vicente Mendes Maciel. / No Povoado do / Bello Monte, Província da / Bahia em 24 de Maio de / 1895*. O *manuscrito* (miolo de 19cm x 12cm) é *encadernado* (de época) em papelão revestido de couro, dorso ou lombada com quatro *clichês* ou *vinhetas* douradas entre *nervuras*, com folha de guarda em papel marmorizado (cinza/azul com manchas e estrias brancas). São 804 fólios manuscritos com boas caligrafias, em papel branco. No verso da folha de guarda, aparecem duas anotações de letras diferentes do miolo. O *manuscrito* não se encontra em bom estado de conservação e necessita de uma restauração (vide também as notas 6 e 7).
- ⁵ Walnice Nogueira Galvão é autora de substantivos textos sobre **Canudos** e de uma edição crítica de *Os sertões* — CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. Edição crítica de Walnice Nogueira Galvão. São Paulo: Brasiliense, 1985. 728 p. —, objeto de citações nesta minha apresentação. Seu mais recente trabalho é: GALVÃO, Walnice Nogueira. *O Império do Belo Monte: vida e morte de Canudos*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001. 127 p. (História do povo brasileiro).
- ⁶ Assim estão transcritos, na ordem a saber: O Santo Evangelho / De / Jesus Christo / Segundo / S. Matheus (fol. 1 – fol. 118); O Santo Evangelho / De / Jesus Christo / Segundo / S. Marcos (fol. 119 – fol. 195); O Santo Evangelho / De / Jesus Christo / Segundo / S. Lucas (fol. 197 – fol. 318); O Santo Evangelho / De / Jesus Christo / Segundo / S. João (fol. 319 – fol. 405); Actos / dos / Apostolos (fol. 407 – fol. 518); Epistolas / De / S. Paulo Apostolo / Aos Romanos (fol. 519 – fol. 554). Sendo constantes, das primeiras partes do *ms*. 1895, 554 fólios, para os *Evangelhos* copiados.
- ⁷ Conforme pode ser cotejado com o *índice* reproduzido neste *Breviário*, estão manuscritos os *temas*, na ordem a saber: Apontamentos dos Preceitos da Divina Lei de Nosso Senhor (fol. 3 – fol. 121); Sobre a Cruz (fol. 122 – fol. 133); Sobre a Paixão de Nosso Senhor Jesus Christo (fol. 134 – fol. 138); Sobre a Missa (fol. 139 – fol. 142); Sobre a Justiça de Deus (fol. 143 – fol. 145); Sobre a Fé (fol. 146 – fol. 147); Sobre a paciência nos trabalhos (fol. 148 – fol. 149); Sobre a Religião (fol. 150 – fol. 152); Sobre a confissão (fol. 153 – fol. 159); Sobre a Obediência (fol. 160 – fol. 162); Sobre o fim do homem (fol. 163 – fol. 164); Como Adam e Eva foram feito por Deus: o que lhes succedeu no Paraizo até que foram desterrados delle por causa do peccado (fol. 165 – fol. 173); O Profeta Jonas (fol. 174 – fol. 178); Paciência de Job (fol. 179 – fol. 184); Vocação de Moysés (fol. 185 – fol. 187); As dez pragas do Egypto (fol. 188 – fol. 189); Morte

dos primogenitos, Cordeiro Pas / choal, sahida do Egypto (fol. 190 – fol. 192); Passagem do mar Vermelho (fol. 193 – fol. 195); Codornizes, Maná e Água no Dizerto (fol. 196 – fol. 198); Os dez Mandamentos da Aliança de Deus com / Israel (fol. 199 – fol. 202); o Bezerra de Ouro (fol. 203 – fol. 205); Lei do Culto Divino (fol. 206 – fol. 210); Derradeira admoestação de Moysés, morte (fol. 211 – fol. 213); Os Juízes (fol. 214 – fol. 216); Construção e edificação do Templo / de Salomão (fol. 217 – fol. 220); O Diluvio (fol. 221 – fol. 227); Reflexões (fol. 228 – 234); Textos (fol. 235 – fol. 247); Sobre pecados dos homens (fol. 248 – fol. 250). Este é o conteúdo da segunda parte do *ms.* 1895, com 250 fólhos, incluindo os *Apontamentos* copiados, os quais correspondem aos *Dez Mandamentos* (fol. 3 – fol. 121). Algumas vezes, não há uma correspondência de indicação entre o texto e o Índice do *manuscrito*. Toda a segunda parte do *ms.* 1895 merece um estudo acurado para identificar as *fontes e falas* (glosas?) religiosas de Antonio Conselheiro. O *manuscrito* tem um *total* de 804 fólhos de transcrição.

- ⁸ O Peregrino, Antonio Vicente Mendes Maciel, recebeu vários apodos ou “invocações”: Antonio dos Mares, Santo Antonio Aparecido, Divino Antonio, Santo Conselheiro, Bom Jesus Conselheiro, Bom Jesus. Um texto que é um traço biográfico de Antonio Conselheiro conta sua trajetória e indica os seus “apelidos” — CALASANS, José. *Cartografia de Canudos*. Salvador: EGBA, 1997. p. 25-32. (Memória da Bahia, 5).
- ⁹ No próprio *ms.* 1895 há uma anotação no verso da folha de guarda que diz: “Oferecido pelo brigada do / 25 batalhão de infantaria / Eugenio Carolino de Sayão Carvalho achado em Canudos no lugar chamado Santu / ario ao ‘Jornal de Notícias’.” Sobre esse “lugar chamado Santuário”, José Calasans nos informa no artigo *As Igrejas de Canudos* que “[...] a capela primitiva não foi destruída e ganhou a denominação de *Santuário*, com seu primitivo altar e um grande número de imagens católicas. Ao lado do *Santuário* havia um pequeno quarto onde ficou morando o Santo Conselheiro. Aí morreu e foi sepultado pelos fiéis, envolvido numa esteira de tábua, com seu camisolão azul, suas alpercatas de couro e seu odor de santidade.” (CALASANS, op. cit., 1997, p. 141). Em *Os sertões* (CUNHA, op. cit., 1985), há uma conhecida planta de “Canudos e Suas Cercanias”, com a marcação, em desenhos e legendas, dos equipamentos do Exército e das construções no interior do “arraial”, onde aparece a localização da *Igreja velha* e da *Igreja Nova, Latada e Santuário*, este com situação bem próxima ou geminada ao templo. Calasans, no mesmo artigo, refere-se ao Conselheiro como responsável pela construção de “duas capelas”: 1) a *igreja velha*, concluída em 1893, sob a invocação de Santo Antonio; a *igreja nova*, do Bom Jesus, iniciada em 1894 e ainda não concluída em 1897, ano da sua destruição. E junto a uma “capela primitiva”, uma terceira, anterior aos conselheiristas, estava o *Santuário* (CALASANS, op. cit., 1997, p. 141). Já o capuchinho frei João diz em 1895: “Vimos depois a praça, de extensão regular, ladeada de cerca de doze casas de telha, e nas extremidades, em frente uma à outra, a capela e a casa de residência de *Antonio Conselheiro*.” — MARCIANO, João Evangelista do Monte. *Relatório apresentado pelo Reverendo Frei João Evangelista do Monte Marciano ao Arcebispo da Bahia sobre Antonio Conselheiro...* Apresentação de José Calasans. Salvador: Centro de Estudos Baianos, 1987. p. 4. (Publicação da Universidade Federal da Bahia, 130). Edição fac-similar do Relatório de 1895. É também Euclides da Cunha em *Os sertões* que relata: o corpo de Antonio Conselheiro, já morto, “Jazia num dos casebres anexos à latada, e foi encontrado graças à indicação de um prisioneiro. Removida breve camada de terra, apareceu no triste sudário de um lençol imundo...” (CUNHA, op. cit., 1985, p. 572).
- ¹⁰ Calasans (op. cit., 1997, p. 23) leu *brigada*, como de fato consta do *ms.* 1895: “Oferecido pelo *brigada* (grifo meu) do 25 Batalhão de Infantaria [...]”. O termo *brigada* corresponde, na linguagem militar, ao posto de “soldado a pé”, logo, de infantaria, em francês *brigandine*. Recorri a esta arriscada busca da arte militar em dicionários de francês, pois é conhecida a ligação do Exército brasileiro, no século XIX, com a escola francesa: *Brigandine*. n. f. (XV^o; de *brigand*, au sens anc. de

“soldat à pied”). *Ançienn.* Para **Corps.** n. m. XII^s, *cors*, IX^s; lat. *corpus*; IV. 4. *Milit.* Unité administrativement independent (bataillon, regiment). — ROBERT, Paul. *Le petit Robert.* dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française. Paris: Le Robert, 1986. Logo, o militar que retirou de Canudos o *ms.* 1895 era um graduado inferior do Exército Nacional Republicano, em termos genéricos, servindo nas tropas terrestres ou na infantaria. Antônio Houaiss e Mauro Villar, no seu *Dicionário*, abonam: ²**brigada** s.m. MIL. *ant.* m. g. SARGENTO BRIGADA; s. v. ¹**sargento**: s. **brigada** MIL *ant.* sargento mais antigo de um batalhão ou regimento; tb. se diz apenas ²**brigada**; e ainda, s. v. **brigada**: (1806) MIL cada um dos quatro grupamentos de infantaria das divisões — HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa.* Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. 2.925 p. Ainda sobre *Brigada*, *brigâda*. Termo militar. Troço, separado do corpo do Exército, debaixo do mando de hum official, chamado *Brigadeiro*. Derivase de *Briga* e *Brigar*, porque para *Brigar* se ajunta a gente de guerra. *Brigada*. Troço de gente de guerra — BLUTEAU, Raphael D. *Vocabulário portuguez e latino.* Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1721; *Troço*. He tomado do castelhana *Trozo*. Troço de gente, he parte della, separada de outra mayor. Troço de Infantaria — BLUTEAU, Raphael D. *Vocabulário portuguez e latino.* Lisboa: Officina de Pascoal da Silva, 1721; *Brigand*. 1^o celui qui exerce le vol et la pillerie par la force et les armes. — Hist. XIV^s s. *Brigand*, c’est une manière de gens d’armes courant et apert, à pied, DU CANGE, *brigancci*. ETYM. Le *brigand* dans l’origine était um soldat à pied, dont le non, se semble, ne se montre qu’au XIV^ss. — LITTRÉ, E. *Dictionnaire de la langue française.* Paris: Hachette, 1901; vide também BLUTEAU, op. cit., 1712, para *Bargante*. E he para advertir, que segundo a sua primeira accepção *Brigantes* (como derivado do italiano *Brigata*, companhia), queria dizer *Soldado*, mas assim como *Latrones* em Plauto, e outros Authores, que também quer dizer *Soldados da Guarda*, quasi *Latrones*; *Brigadas*. s. m. MIL. o mesmo que sargento-ajudante, na antiga organização militar. Primitivamente foi posto de official inferior correspondente ao de sargento-ajudante. O brigadas “era escolhido entre os primeiros sargentos [...]” para auxiliar o official ajudante do seu batalhão ou regimento — GRANDE Enciclopédia Portuguesa e Brasileira. Lisboa; Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, [s.d.], v. 5. Diante dos referenciais, este seria (?) o posto de Eugênio Carolino de Sayão Carvalho, o militar que encontrou (?) o *ms.* 1895. Seria este personagem paulista ou gaúcho, desde que há uma divergência quanto à origem do 25^o Batalhão? Na iconografia dos militares anônimos da guerra de Canudos, muitos usam bombachas (vide nota 11).

- ¹¹ Esse 25^o Batalhão de Infantaria entrou em Canudos, dentro da cidadela dos conselheiristas, nos últimos dias e momentos da guerra, conforme: 1) No dia 24/08/1897, atacou e incendiou a igreja velha ou de Santo Antônio “[...] reduzindo a cinzas o madeiramento do seu telhado” — ALMEIDA, Cícero Antônio F. de. *Canudos: imagens da Guerra.* Rio de Janeiro: Lacerda, 1997. p. 58. O mesmo autor, na mesma publicação, informa que esse batalhão era do Estado de São Paulo, comandado pelo major Henrique Severiano da Silva, tendo participado do combate de 18/07/1897 e atuado no assédio final, de 1^o/09, “tomando” a *igreja nova* (vide nota 9). Aí nesse assalto militar derradeiro, teria ocorrido o “achamento” do *ms.* 1895?; 2) O livro de Almeida contém uma foto de parte do 25^o Batalhão (p. 127) e uma foto da *igreja velha* destruída (p. 58), ambas da autoria de Flávio de Barros, que documentou os estertores físicos de Canudos em vinte e cinco fotografias que foram expostas em 02/02/1898, “[...] quatro meses após o final dos combates” (Ibid., p. 27); 3) Em Euclides da Cunha, registra-se e levanta-se, ao acaso: “[...] o 25^o [...], que copiam de uma maneira admirável o modo de agir do inimigo, [...] pondo a astúcia diante da astúcia, jogando a cilada contra a cilada. Uma aprendizagem perfeita com instrutores *selvagens* (grifo meu).” — CUNHA, Euclides da. *Canudos: diário de uma expedição.* Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995. v. 2, p. 570-571; vide também CUNHA, Euclides da. *Diário de uma expedição.* São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 167 (organização GALVÃO, Walnice Nogueira). Ainda Euclides da Cunha, na edição crítica de

Walnice Nogueira Galvão, diz que o 25º Batalhão era do Rio Grande do Sul, dado que não bate com a *procedência paulista*. Mais uma vez, Euclides da Cunha menciona o 25º, na *Quarta Expedição*, e acrescenta também que “[...] chegou o canhão retardatário ao Caldeirão Grande, permitindo que se reorganizasse a brigada de artilharia que, juntamente com a 2ª, de infantaria, tendo à vanguarda do 25º Batalhão, do tenente-coronel Dantas Barreto, prosseguiria [...] a mesma marcha fatigante e remorada” (CUNHA, op. cit., 1985, p. 379, 389). A bibliografia sobre Canudos, sua guerra e “circunstâncias”, jagunços e militares, é muito extensa. A todos que estudaram o tema, rendo minhas desculpas por não nominá-los; 4) Uma ajuda providencial, quando concluía este meu texto, proporcionada pela professora Loiva Otero Felix, da Universidade de Passo Fundo, Pós-Graduação em História, deu-me a indicação de um *Caderno* especial do jornal *Zero Hora*, de Porto Alegre, comemorativo dos 100 anos da tomada de Canudos — GAÚCHOS em Canudos. *Zero Hora*, Porto Alegre, 16 out. 1997. 13 p. —, onde pode-se ler: a) “[...] a oficialidade gaúcha que seguiu para Canudos era composta por veteranos de muitas guerras.”; b) “O Rio Grande do Sul contava na época com o segundo maior contingente militar do país [...]”; c) na página 4 do referido *Caderno*, há um destaque para as Unidades que participaram da guerra, algumas gaúchas, “transferidas para o Estado [Rio Grande do Sul] entre 1893 e 1895”, e vê-se indicado o 25º Batalhão de Infantaria como deslocado de São Paulo, segundo fonte do Arquivo Histórico do Exército. Estaria assim dirimida a discrepância de informações contidas em Cunha (1985), e Almeida (1997)? Penso que sim. O Batalhão, do Rio Grande, deslocou-se de São Paulo, entre 1893 e 1895, e, em seguida, foi destacado para o cenário da guerra no sertão baiano. d) O jornal *Zero Hora*, no mesmo *Caderno*, entrevista José Calasans e faz a seguinte pergunta: “ZH – A experiência de Canudos era socialista? Calasans – Não. Canudos era um povoado sertanejo, onde havia um grande sistema assistencial, mas com vida econômica comum. Tinha lojas, exportava couro e havia uma porção de negociantes. Para mim, Conselheiro era um religioso que se apiedou das condições de vida dos sertanejos.” (GAÚCHOS em Canudos, op. cit., p. 11).

¹² CALASANS, op. cit., 1997, p. 23.

¹³ O Núcleo Sertão é parte integrante do Centro de Estudos Baianos (CEB), da Universidade Federal da Bahia, e guarda uma extensa biblioteca sobre a temática sertaneja, Canudos, Antonio Conselheiro e outras fontes, incluindo o *ms.* 1895, que foi incorporado ao conjunto em 1983, tudo doado por seu benfeitor, o professor José Calasans. Muitos pesquisadores nacionais e estrangeiros têm se valido desse acervo documental.

¹⁴ Sobre esse tema, acaba de ser editado um importante livro: CANUDOS: cartas para o Barão. Organização Consuelo Novais Sampaio. São Paulo: EDUSP, 1999. 262 p, com a correspondência passiva do Barão de Jeremoabo, Cícero Dantas Martins (1838-1903), grande proprietário rural, chefe político no Império e na República e personagem na trajetória de Antonio Conselheiro. Nesse livro há um ensaio biográfico sobre o Barão, da autoria de um seu bisneto, Álvaro Dantas Carvalho.

¹⁵ Uma transcrição da *Bíblia* para uso do Conselheiro, homem do sertão. Sobre o assunto da existência, no passado e ainda hoje, de um Cristianismo popular, de uma “igreja primitiva” no Brasil, no *sertão*, há uma miríade de textos e autores. Quero somente lembrar um trabalho pioneiro de um mestre baiano, sem tirar o mérito de outros que buscaram o mesmo tema em seus importantes livros. Agora, *in memoriam*, lembro: AZEVEDO, Thales de. *O Catolicismo no Brasil*. Rio de Janeiro: MEC, 1955, 69 p.

¹⁶ Quem teria sido o copista desse *ms.* 1895? José Calasans nos informa a existência de um jagunço, Leão de Natuba (ou Leão da Silva), que “É o secretário de Antonio Conselheiro. O devoto que recolhe as palavras do Pai Conselheiro colocando-as no papel.” — CALASANS, José. *Quase biografias*

de jagunços: o séquito do Antonio Conselheiro. Salvador: UFBA, Centro de Estudos Baianos, 1986. p. 76. (Publicação da Universidade Federal da Bahia, 122). Calasans nos remete, em seu texto, para MONTENEGRO, Abelardó F. *Antonio Conselheiro*. Fortaleza: Ed. A. Batista Fontenele, 1954. 73 p., e para MACEDO, Nertan. *Memorial de Vilanova*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1964. 166 p., para corroborar: “[...] Leão de Natuba, homem muito devoto, com boa caligrafia, a quem o Conselheiro ditava ou mandava copiar trechos de caráter religioso” (Ibid., p. 76, 77). Calasans, no mesmo texto, diz que recolheu notícia diversa, junto ao jagunço Pedrão “que conhecera pessoalmente”: Leão Ramos ou Leão da Silva. (CALASANS: op. cit., 77). Não sei se é possível considerar Leão de Natuba o copista desse *manuscrito* só por suas habilidades caligráficas. É necessária uma acurada leitura e comparação paleográfica dos dois *manuscritos* (1895 e 1897). Assim, pode-se, ao menos, examinar a caligrafia dos documentos. Seria de *mão única*? Creio que se deve considerar também a presença de uma caligrafia de qualidade no sertão. Explica-se o fato, acredito, com a “tradição” do bem aprender as “letras” no século XIX e, ainda, até meados do século XX, quando havia, nos colégios públicos e privados, a aprendizagem da “arte caligráfica”, com cadernos especiais para que o estudante desenhasse o alfabeto.

¹⁷ Esse é o 2º volume da *Bíblia* de 1857, com sua folha de rosto reproduzida em Apêndice. Corresponde aos textos do *Novo Testamento*. O 1º volume, sem data na folha de rosto, tem uma folha de rosto *falsa*, a mesma do 2º volume (reproduzida também em Apêndice a este *Breviário*), cuja única diferença é constar a informação da(s) autoria(s) da gravura ou ilustração: I. C. Silva a [?] 1774, Bordallo, Dez. 1832, Coelho Grav. Os dois volumes são fartamente ilustrados e bilíngües, correspondendo o 1º ao *Velho Testamento*, e ambos anotados ao pé da página pelo tradutor. Os dois volumes da *Bíblia* têm formato em 8º, com, respectivamente, 808 p. (v. 2º) e 800 p. (v. 1º). Duas notícias ocorrem no 1º volume a saber: “Os Srs Assignantes de Lisboa e das Provincias” sobre o preço de 25 réis e 720 réis “por duas folhas ou oito páginas de impressão” ou dos “Cadernos, e dois destes formam uma série.” Este anúncio é dado na página 12 pelos editores da Livraria Popular, / Calçada dos Paulistas 41. / Lisboa. Nesse exemplar, também aparece o carimbo de padre Oliva (?). Ainda no 1º volume há uma advertência (p. 800) para reclamação, que deve ser feita aos editores da Livraria Popular – Travessa da Era (aos Paulistas) nº 3 – Lisboa. Tudo faz crer que estas edições dos dois volumes da *Bíblia* foram vendidas em fascículos (vide nota 19); o Cardeal Patriarca que autorizou a publicação da *Bíblia* de 1857 foi Dom Guilherme Henrique de Carvalho (1793-1857), eleito em 1845 o Patriarca de Lisboa, confirmado pelo Pontífice Gregório XVII pela bula *Onerosa pastoralis* de 24/11/1845 — cf. ALMEIDA, Fortunato de. *História da Igreja em Portugal*. Porto; Lisboa: Civilização, 1970. v. 3, p. 552-557.

¹⁸ Versão em latim do texto bíblico, devida em grande parte a São Jerônimo (347-420), que, no ano 380, por demanda e incumbência do Papa Damásio I, iniciou as suas revisões dos antigos manuscritos bíblicos. Sobre este assunto, convém recorrer a GERARD, André-Marie. *Dictionnaire de la Bible*. Paris: Robert Lafont, 1989. 1.478 p., onde encontra-se a matéria verbetada.

¹⁹ No livro de Almeida (op. cit., v. 3), há boa informação sobre o padre Antonio Pereira de Figueiredo (1725-1797). Colaborador do Marquês de Pombal, começou a tradução da *Bíblia* para o português na segunda metade do século XVIII, cuja publicação iniciou-se em 1772 pelo *Testamento Novo*, os *Salmos*, em 1782, e depois o *Gênesis* e livros do *Testamento Velho*. Concluiu a publicação em 1790. Reimpresso em Lisboa, o *Testamento Velho* (1791-1803) com o título *Bíblia Sagrada, traduzida em português segundo a Vulgata, ilustrada com prefações, notas e lições variantes*. A terceira edição foi impressa com a juntada do texto bíblico, revisão do tradutor (Lisboa, 1794 e seg.). Nova edição foi publicada com o título *A Bíblia Sagrada contendo o Velho e o Novo Testamento*, em três volumes (Lisboa, 1852, 1854, 1857). O padre Antonio Pereira de Figueiredo foi também secretário no Ministério dos Negócios Estrangeiros, autor de um livro

inédito (ainda?) *Lusitania Sacra: isto é, antigo, moderno, novíssimo e actual estado da Igreja de Portugal...*, 1791, existente na biblioteca da Academia Real das Ciências, e “tão celebre por outras razões, foi também músico distinto.” (ALMEIDA, op. cit., p. 342, 351, 387, 391, 392, 401, 419). Atente-se que a edição de 1857 está indicada como tendo sido feita em três volumes. Por ter sido de vendagem *fasciculada*, creio que a edição que compulsei foi encadernada em dois volumes. Em 1902, foi reeditada, em três volumes, a tradução do padre Pereira, com as notas revisadas e “harmonizadas” com trabalhos de teólogos de diversos países, sob a orientação de Dr. Manuel José dos Santos Farinha.

- ²⁰ BÍBLIA, v. 2, p. XXIX. (vide *Cesura V* e nota 17). O *Prefação Aos Leitores* (p. XXXI) foi escrito pelo padre Francisco Recreio, *sensor* dessa *Nova Edição da Bíblia*, e autor também do *Prefação Aos Leitores* no 1º volume.
- ²¹ Mateus foi um dos doze apóstolos de Cristo que a tradição cristã considera como o autor do primeiro Evangelho no *Novo Testamento*. A Igreja dos primeiros séculos dá a S. Mateus o mérito de ter sido o primeiro a testemunhar, por escrito, os ensinamentos de Cristo. Os evangelhos de Marcos e Lucas, e o de Mateus, formam o conjunto de três evangelhos *sinópticos*, os quais foram transcritos da *Bíblia* de 1857 para o *ms.* 1895; vide, para este assunto e outros correlatos, os *verbetes* de Gerard (op. cit.).
- ²² Vide nota 7, onde encontra-se a relação de conteúdo da segunda parte do *ms.* 1895.
- ²³ A retirada ou supressão dos *versículos* na transcrição do *ms.* 1895 é curiosa, pois os livros bíblicos antigos estavam subdivididos em *perícopes* e só na Idade Média é que os capítulos e *versículos* foram numerados para facilitar ao leitor a consulta à *Bíblia*.
- ²⁴ Esse assunto sobre o nascimento de Jesus e as relações matrias entre José e Maria é teologicamente importante, principalmente com relação à *virgindade posterior* da mãe de Jesus. Remeto o leitor, para um conhecimento sumário da questão, aos autores a saber: GERARD, op. cit., e BAUER, Johannes B. *Dicionário bíblico-teológico*. São Paulo: Loyola, 1994, ambas as obras nos respectivos *verbetes*. Devo observar, porém, o uso do verbo **parir** (“[...] pario ao seu Primogénito [...]”, *Bíblia*, 1857; “[...] pario o seu Primogénito [...]”, *ms.* 1895, fol. 3), que significa literalmente em Houaiss (op. cit.): **parir** v. (s. XIII) expulsar do útero (feto e secundinas); dar à luz o feto. Uma outra edição da *Bíblia*, que não é bilíngüe, traduzida por Antonio Pereira de Figueiredo, para o *Novo Testamento*, datada de 1878, diz em Mt 1,25: “E elle não a conheceu enquanto ella não pariu ao seu Pri / mogénito”. Traduções posteriores da *Bíblia*, de uso corrente e mais atual, dizem: Mt 1,25, “Contudo, não a conheceu, enquanto ella não deu à luz um filho a quem pôs o nome de Jesus.” — BÍBLIA. 1999. Português. *Bíblia de Estudo Vida*. São Paulo: Vida, 1999; Mt 1,25, [...] “mas não a conheceu até quando ella deu à luz um filho, ao qual elle deu o nome de Jesus.” — BÍBLIA. 1995. Português. *Bíblia: tradução ecumênica*. São Paulo: Loyola, 1995. Título original: *Traduction ecuménique de la Bible*; Mt 1,25, “E, sem que antes tivessem mantido relações conjugais, ella deu à luz o filho. E elle lhe pôs o nome de Jesus.” — BÍBLIA. 2001. Português. *Bíblia Sagrada*. Tradução da CNBB. Brasília, 2001. Esta é a *tradução oficial* da Igreja Católica, denominada de *Nova Vulgata*. José Luís Fiorim ao abordar a *Mariologia* de Antonio Conselheiro, penso que não só embasado no *ms.* 1897 e no texto de Ataliba Nogueira (vide notas 27 e 28), destaca que o Peregrino “dá grande valor à virgindade e aponta Maria como um exemplo para as demais mulheres por esse fato” — FIORIM, José Luís. O discurso de Antonio Conselheiro. *Religião e Sociedade*, nº 5, p. 104, jun. 1980. Ainda sobre o tema da *virgindade*, deve ser lembrado o *verbe* *virgem* em: DE FIORES, Stefano; MEO, Salvatore (Dir.). *Dicionário de Mariologia*. São Paulo: Paulus, 1995. 1.381 p., com várias remissões bibliográficas; e ainda COENEN, Lothar; BROWN, Colin (Ed.). *Dicionário internacional de Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2000, 2 v. É evidente que, para este tema,

há uma farta bibliografia teológica, inclusive dos doutores da Igreja Católica. Na literatura *lusobaiiana* do século XVII, podem ser recolhidos dois exemplos dessa linhagem temática sobre a Virgem Maria: 1) o jesuíta Vieira, na sua sermonária, enaltece, mais de uma vez, a mãe de Jesus, como no conhecido *Sermão de N. S. do Ó*, proferido na Bahia, em 1640, na Igreja de Nossa Senhora da Ajuda: “E que sílaba, e que palavra? *In utero*: dizendo o anjo à Senhora: *Ecce concipies, et paries*: que conceberia e pariria o Filho de Deus, bem claramente se entendia não só a sustância do mistério, senão o modo e o lugar; e que este havia de ser o sacramento virginal no ventre santíssimo.” (VIEIRA, Antônio. *Sermão / de / Nossa Senhora do Ó*. In: *Sermões*. Porto: Lello & Irmão – 1959, t. X, p. 205. Este sermão abre com uma epígrafe que remete para *Luc.*, I: *Ecce concipies in utero, et paries Filium*; 2) o poeta Gregório de Mattos e Guerra (1636-1695) glorifica a Imaculada Conceição em três sonetos e em quatro décimas, além de *glosar*, em versos, a conhecida oração a Nossa Senhora. Em uma das décimas, diz o poeta na sua obra apógrafa: “Entre os nascidos só vós / por privilégio na vida / fostes, Senhora, nascida / isenta de culpa atroz: / mas se Deus (como sabemos) / que pode tudo o que quer, / e vos chegou a eleger / para mãe sua tão alta, / impureza, mancha, ou falta / nunca em vós podia haver.” (MATOS, Gregório de. *Obra poética completa*. Rio de Janeiro: Record, 1999, v. 1, p. 82.) Nesta edição, a 4ª, há um subtítulo (?) que se refere a um Códice James Amado, o qual desconheço. É necessário observar que na *Bíblia* de 1857, em Mateus, nas notas de números 9, 10, 11, e 12, que estão facsimilados neste *Breviário de Antonio Conselheiro*, p. 123 e p. 124, o Padre Pereira remete o leitor ao tema das relações maritais entre José e Maria, citando Santo Agostinho, Santo Ambrósio e S. Jerônimo, acentuando e destacando a palavra dos doutores sobre o assunto. Na segunda parte do *ms.* 1895, foram copiados excertos da *Bíblia* de 1857 e, logo nas páginas 235 e 236, reproduzidas neste *Breviário de Antonio Conselheiro*, com indicações para Lucas 1,28, lê-se o momento da *Anunciação*. Em seguida, voluntária ou involuntariamente, o copista cometeu um equívoco quanto ao versículo, que não é Lucas 1,28, mas sim Lucas 1,35, até a consigna evangélica “[...] será chamado Filho de Deus”. O restante, na transcrição, não se encontra nesse capítulo de Lucas. Fez o copista, por sua conta, o acréscimo: “Grande desejo que Jesus teve de soffrer e morrer por nosso amor”. A transcrição, por inteiro, na letra do copista é: “E respondendo o Anjo lhe disse: o Espirito Santo descerá sobre ti, e a vertude do Altíssimo te cobrirá da sua sombra [...] E por isso mesmo o Santo que há de nascer de ti, será chamado Filho de Deus. Grande desejo que Jesus teve de soffrer e morrer por nosso amor”.

²⁵ MARCIANO, op. cit. As citações que seguem encontram-se nas páginas 6 e 7, na seqüência das citas.

²⁶ Toda a literatura anterior à publicação de *Os sertões*, relatórios, mensagem governamental, entrevistas, livros, de 1895 a 1901, de autoria vária (Monte Marciano, Luís Viana, Nina Rodrigues, major A. Constantino Nery, Olívio de Barros, João Thomaz Cantuária, Dantas Barreto, Álvaro Martins Horcades, Manuel Benício, Wosley, Francisco Mangabeira, Aristides A. Milton, Lélis Piedade), foi levantada e apontada por: CALASANS, José. *O ciclo folclórico do Bom Jesus Conselheiro*: contribuição ao estudo da Campanha de Canudos. Salvador: Tipografia Beneditina, 1950. 97 p.; e mais ainda, sobre a repercussão na imprensa do país, há o livro: GALVÃO, Walnice Nogueira. *No calor da hora*: a Guerra de Canudos nos jornais, 4ª expedição. São Paulo: Ática, 1974. 510 p.; e também o livro: BASTOS, José Augusto Cabral Barretto. *Incompreensível e bárbaro inimigo*: a guerra simbólica contra Canudos. Salvador: EDUFBA, 1995. 204 p.

²⁷ As citações que seguem no texto remetem para o livro: NOGUEIRA, Ataliba. *Antonio Conselheiro e Canudos*: revisão histórica. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1997. 217 p., com minhas complementações para as páginas 35, 36, 37 e 41. O *ms.* 1897, que é o objeto central do autor, contém, na sua *parte quarta*, quatro temas que também estão no *ms.* 1895: *Sobre a Cruz*; *Sobre a Missa*; *Sobre a Confissão*; *Construção e Edificação do Templo de Salomão*.

²⁸ As fontes religiosas das prédicas de Antonio Conselheiro indicadas por Nogueira (op. cit., p.

41) são as “*Horas Marianas e a Missão, abreviada*”, informação já contida em *Os sertões*: “[...] camisolão azul, sem cintura; chapéu de abas largas, derrubadas; e sandálias. Às costas um surrão de couro em que trazia papel, pena e tinta, a *Missão abreviada e as Horas marianas*.” (CUNHA, op. cit., 1985, p. 217). O artigo de José Luís Fiorim faz uma *análise* sobre a *Teologia do Conselheiro*, a partir das suas prédicas, dividindo-as em assuntos de *crisologia, mariologia e eclesiologia*, com a leitura de Nogueira (1997) e, certamente, do ms. 1897 (FIORIM, op. cit., p. 95, 129); do mesmo Fiorim, há uma dissertação de Mestrado, defendida, em 1980, na Universidade de São Paulo — *A ilusão da liberdade discursiva: uma análise das prédicas de Antonio Conselheiro* —, referida por Galvão (op. cit., 2001), na bibliografia. É urgente a publicação deste trabalho.

- ²⁹ João de Souza Pondé (1874-1934) esteve em Canudos, no *front*, como estudante da Faculdade de Medicina da Bahia, da qual depois foi docente. O jovem acadêmico Pondé foi um dos que reconheceram o Conselheiro, depois de exumado e degolado.
- ³⁰ CUNHA, op. cit., 1985, p. 249. O messianismo insinuado por Euclides da Cunha é objeto do livro: QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *O messianismo no Brasil e no mundo*. 2. ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1977. 440 p. A autora classifica o *Império de Belo Monte* na condição de “movimentos rústicos” (p. 225-241).
- ³¹ VILLA, Marco Antonio. *Canudos: o povo da terra*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1999. 278 p. (Ensaio, 141), traça uma retomada dos meandros históricos da guerra de Canudos com diversificada abordagem ao buscar, na bibliografia, os fundamentos para sua análise dos fatos. Nesse livro, na p. 192, há uma informação sobre o 25º Batalhão de Infantaria que, no dia 18 de julho (de 1897?), “[...] entrou em ação com 337 praças e dezessete oficiais, ficou reduzido a onze oficiais e 146 praças, ou seja, perdeu 197 homens, dos quais seis oficiais e 191 praças”. O autor baseia-se em várias fontes para dar as estatísticas sobre o Batalhão. (vide nossa nota 11).
- ³² MARCIANO, op. cit., p. 4.
- ³³ CUNHA, op. cit., 1985, p. 572.
- ³⁴ OTTEN, Alexandre. *Só Deus é grande: a mensagem religiosa de Antonio Conselheiro*. São Paulo: Loyola, 1990. 383 p.
- ³⁵ OTTEN, op. cit., p. 380.



Calasans Neto 2001

MANUSCRITO DE 1895
Primeira parte

Verso da folha de guarda
Evangelhos*

São Mateus

São Lucas

São João

Atos dos Apóstolos

Epístola de São Paulo Apóstolo aos Romanos

*Fac-símile em fragmentos para as fontes indicadas.

Antonio Carvalho informou que

Opereido pelo bugada de
25 batallas de infantaria
Eugenio Carlos de Sazão
Carvalho achado em berruco
no lugar chamado Tanatã
criado Jornal de Notícias



COLEÇÃO JOSE CALASANS

Verso da folha de guarda



Santo Evangelho
De
Jesus Christo
Segundo
S. Mattheus.

Santo Evangelho
De
Jesus Christo
Segundo
S. Mathheus.
Capitulo 1.
Genealogia de Jesus Christo,
sua Conceição, e Nascimento.

Livro da geração de Jesus Christo Filho de David, filho de Abraham. Abraham gerou a Isaac. E Isaac gerou a Jacob. E Jacob gerou a Judah e a seus irmãos. E Judah gerou de Thamar a Taries, e a Sarras. E Taries gerou a Esaron. E Esaron gerou a Ahar. E Ahar gerou a Aminadab. E Aminadab gerou a Naasson. E Naasson gerou a Salmon. E Salmon gerou de Rahab a Booz. E Booz gerou de Ruth a Obed. E Obed gerou a Jessé. E Jessé gerou ao Rei David. E Rei David gerou a Salomão daquelle que foi deurias. E Salomão gerou a Roboão. E Roboão gerou a Abias. E Abias gerou a Asá. E Asá gerou a Josafath. E Josafath gerou a Orão. E Orão gerou a Urias. E Urias gerou a Joathão. E Joathão gerou a Achaz. E Achaz gerou a Esequias. E Esequias gerou

a e Manassés. E Manassés gerou a e nome.
E Amon gerou a Jorías. E Jorías gerou
a Jecostas, e a seus irmãos na transmi-
gração de Babilônia: E depois da trans-
migração de Babilônia: Jeconias ge-
rou a Salatiel. E Salatiel gerou a
zerobabel. E zerobabel gerou a Abiud.
E Abiud gerou a Eliacim. E Elicim
gerou a Azor. E Azor gerou a
Sadoc. E Sadoc gerou a Aquim. E
Aquim gerou a Eliud. E Eliud gerou
a Eliazar. E Eliazar gerou a Mathan.
E Mathan gerou a Jacob. E Jacob gerou
a José esposo de Maria, da qual nas-
ceu Jesus, que se chama o Christo. De
graça que todas as gerações desde
Abraão até David, são quatorze ge-
rações: e desde David até a transmigra-
ção de Babilônia, quatorze gerações: e
desde a transmigração de Babilônia
até Christo, quatorze gerações. Ora a
conceição de Jesus Christo foi desta
maneira: Estando já Maria sua
Mãe desposada com José antes de co-
bitarem, e achou ter ella concebido por
obra do Espirito Santo. E José seu Espo-
so, como era justo, e não queria infan-
taria: resolveo deixalla secretamen-
te. Mas andando elle com isto no

3

pensamento, eis que lhe appareceu
em sonhos a um e Anjo do Senhor, dizendo:
José Filho de David, não temas receber
a Maria tua mulher: porque o que
nella se gerou, he obra do Espirito Santo:
e ella parira hum Filho: e lhe chamardes
por nome Jesus: porque elle salvará o
seu povo dos peccados delles. Mas tudo
isto aconteceu, para que se cumprisse
o que fallou o Senhor pelo Profeta, que diz:
Eis huuma Virgem conceberá, e parira
hum Filho: e appellidallo-hão pelo nome
de Emmanuel, que quer dizer, Deus con-
nosco. E despertando José do sono, fez
como o e Anjo do Senhor lhe havia manda-
do, e recebeu a sua mulher. E ella pario o
seu Primogenito e pôz o nome de Jesus.

Capitulo 2.

Chegada dos Magos, e suas offer-
tas ao Deus menino, e morte
dos innocentes por Herodes. Ju-
gida de Jesus para o Egypto, e a sua
volta para Judea.

Tendo pois nascido Jesus em Belém
de Judá em tempo do Rei Herodes,
eis que vierão do Oriente hums Magos



4
a Jerusalém, dizendo: ⁴ Onde está o Rei
dos Judeus, que he nascido? porque nós
vimos no Oriente a uma estrella; e vie-
mos a adorá-lo. E o Rei Herodes ouvindo
do isto se turbou, e toda Jerusalém com
elle. E convocando todos os Principes
dos Sacerdotes, e os Escribas do Povo,
lhes perguntavão; onde havia de nas-
cer o Christo. Elles lhe disserão: Em
Belém de Judá: porque assim está escri-
to pelo Profeta: Tu Belém, terra de Ju-
dá, não és a de menos consideração en-
tre as principaes de Judá: porque de
ti sahirá o Conductor, que há de com-
mandar o meu Povo de Israel. En-
tão Herodes tendo chamado secre-
tamente os Magos, inquireo d'elles
com todo o cuidado, que tempo havia
que lhes apparecera a estrella: e in-
viando-os a Belém, disse-lhes: Ide,
e informai-vos bem que o menino he
este: e depois que o houverdes achado,
vinde-mos dizer, para eu ir também
adorá-lo. Elles tendo ouvido as pala-
vras do Rei, partirão: e logo a estrella,
que tinham visto no Oriente, lhes ap-
pareceu, indo adiante d'elles, até que
chegando, parou sobre onde estava o
Menino. E quando elles virão a es-

5
trelha, foi sobre maneira grande o jubilo,
que sentirão. Entrando na casa achá-
rão o Menisro com Maria sua Mãe, e
prostrando-se, o adorirão, e abrindo os
seus cofres lhe fixerão suas offertas
de ouro, incenso, e myrrha; E havida
resposta em sonhos, que não tornas-
sem a Herodes, voltarão por outro ca-
minho para a sua terra. Partidos
que elles foram, eis que appareceo hum
Anjo do Senhor em sonhos a José; e lhe
diz: Levanta-te, e toma o menino, e
sua Mãe, e fuge para o Egypto, e fica-
te lá, até que eu te avise. Porque He-
rodes tem de buscar o Menisro pa-
ra o matar. José levantando-se, to-
mou de noite o Menisro, e sua Mãe,
e retirou-se para o Egypto: e alli esteve
até a morte de Herodes: para se cum-
prir o que profetizou o Senhor, pelo Pro-
pheta, que diz: Do Egypto e haurirei a
meu Filho. Herodes então vendo que ti-
nha sido illudido dos Magos, ficou
muito irado por isso, e mandou ma-
tar todos os menisros, que havia em
Belém, e em todo o seu termo, que ti-
nessem dois annos, e dahi para bai-
xo, regulando-se muito pelo tempo,
que tinha exatadamente a veriguado

dos Magos. Então se cumpriu o que es-
tava annunciado pelo Profeta Jeremi-
as, que diz: E eis Hamã, se ovisse hum
clamor; hum choro, e hum grande la-
mento: vinha a ver Raquel chorando
a seus filhos, sem admittir consolação
pela falta delles. E sendo morto Hero-
des, eis que o Anjo do Senhor appare-
ce em sonhos a José no Egypto, dizendo:
Levanta-te, e toma o Menino, e sua
Mãe, e vai para a terra de Israel:
porque são mortos os que buscavão o
Menino para o matar. José levan-
tando-se, tomou o Menino, e sua
Mãe, e veio para a terra de Israel.
Mas ouvindo que Archelão reinava
na Judia em lugar de seu pai Hero-
des, temeu ir para lá; e a virado em
sonhos, se retirou para as partes da
Galiléia. E veio morar em humm Cida-
de, que se chamava Nazareth: para se
cumprir o que fora dito pelos Profetas:
Eis será chamado Nazareno.

Capitulo 3.

Vinda, e pregação do Baptista
no deserto. Repreheensões que
dá aos Fariseos, e Sadduceos.

Diferença entre o seu Baptis-
mo, e o de Jesus Christo. Disse o
Espírito Santo sobre Jesus Chri-
sto, depois de João o Baptista. O
Eterno Pai o aclama seu Filho
muito amado.

Naquelles dias pois veio João Baptista
pregando no deserto da Judéa, e dicen-
do: Farei penitencia; porque está pro-
ximo o Reino dos Céos. Porque este he de
quem fallou o Profeta Isaías, dizendo:
Voz do que clama no Deserto; e Appa-
rethá o caminho do Senhor; endrécitas
as suas varidas. Ora o messias João
tinha hum vestido de pelles de carne-
lo, e humra cinto de couro em roda dos
seus rins; e a sua comida são gaf-
anhotos, e mel silvestre. Entã vinha a
elle Jerusalem, e toda a Judéa, e toda a
terra da comarca do Jordão; e confessan-
do os seus peccados, erã por elle bap-
tizados no Jordão. Mas vendo que muitos
dos Fariseos, e dos Sadduceos vinhão ao
seu baptismo, lhes disse: Raça de víbo-
ras, quem vos ensinou a fugir da ira vin-
doira. Farei pois digros fructos de pe-
nitencia! Entã quizaes dizer den-
tro de vós mesmos: Nós temos por

8
pai a Abraão: porque eu vos digo que
podereis he Deus para fazer que que
nascão destas pedras filhos a e Abra-
hão. Porque já o machado está posto á
raiz das arvores. Toda a arvore pois que
não dá bom fructo, será cortada, e
lanzada no fogo. Eu na verdade vos
baptizo em agua para vos trazer a
penitencia: porém o que ha de vir
depois de mim, he mais poderoso do
que eu, e eu não sou digno de lhe me-
nistrar o calcado: Elle vos baptisará
no Espirito Santo, e em fogo. A
sua pá na sua mão se acêta: e elle
alimpará muito bens a sua casa: e
recolherá o seu trigo no celeiro, mas
queimará as palhas num fogo que já
mais se apagará. Então veio Jesus de
Galilea a Jordão ter com João, para ser
baptizado por elle. Porém João o impe-
dia, dizendo: Eu sou o que devo ser bap-
tizado por ti, e tu vens a mim? E res-
pondendo Jesus, lhe disse: Deixa por
ora: porque assim nos convém cum-
prir toda a justiça. Elle então o dei-
xou. E depois que Jesus foi baptizado:
sahio logo para fora da agua: e eis que
se lhe abrirão os ceos e vio o Espirito
de Deus, que descia como pomba, e



que vinha sobre elle. E eis heuma voz dos
Céos, que dizia: Este he meu Filho amado,
no qual tenho posto toda a minha
complacencia.

Capitulo 4.

Vai Jesus para o Deserto, onde
depois de jejuar quarenta dias, he
tentado pelo demônio. Chama
os quatro pescadores, Pedro, An-
dré, Tiago, e João. e Annuncia o
Evangelho na Galiléa. Cura
muitos doentes. Anda accom-
panhado de muito povo.

Então foi levado Jesus pelo Espirito
ao Deserto para ser tentado pelo dia-
bo. Etendo jejuado quarenta dias, e qua-
renta noites, depois teve fome. E chegan-
do-se a elle o tentador, lhe disse: Se és Filho
de Deus, dize que estas pedras se convertão
em pão. Jesus respondendo lhe disse: Es-
crito está: e Não só de pão vive o homem
mas de toda a palavra, que sahe da boca de
Deus. Então commando-o o diabo e levou a
Cidade Sarta, e o pôz sobre o pinnaen-
do do Templo, e lhe disse: Se és Filho de
Deus, lança-te daqui a baixo. Porque escri-

to está: Que mandou ¹⁰ aos seus Anjos
que cuidassem de ti, e elle te tornaria não
palavras, para que não succeda trope-
cares esta pedra com o teu pé: Jesus
lhe disse: Tambem está escrito: Não ter-
tarás ao Senhor teu Deus. De novo o su-
bio o diabo a fazer monte muito alto:
e lhe mostrou todos os Reinos do Moun-
do, e a gloria delles, e lhe disse: Tudo isto te
darei, se prostrares, e adorares. Então
lhe disse Jesus: Vai-te Satanas: Porque
escrito está: Ao Senhor teu Deus adorarias,
e a elle só servirás. Então o deitou o diabo:
e eis que chegarão os Anjos, e o servirão.
E quando Jesus Jesus, que João João preta, re-
tirou-se para Galilea: se, deixada a Cidade
de Nazareth, veio habitar em Cafarnaum,
Cidade Maritima, nos confins de Tra-
bilon e Negitallim: para se cumprir o
que tinha dito o Profeta Isaías: e A terra
de Trabilon, e a terra de Negitallim, a estrada
da que vai dar no mar a terra do Jordão,
a Galilea dos Gentios, povo, que estava de
casoito nas trevas, eis humra grande
luz: e aos que estavam de asseito na regi-
ão da sombra da morte, a estes appareceu
a luz. Desde então começou Jesus a pre-
gar, e a dizer: Farei penitencia: porque
está proximo o Reino dos Ceos.



77
E caminhando Jesus ao longo do mar
de Galiléia, viu dous irmãos, Simão, que
se chama Pedro, e seu irmão André,
que lançavão a rede ao mar, (porque
erão pescadores) e disse-lhes: Vinde após
mim, e farei que vós sejas pescadores
de homens. Elles sem mais detença,
deixadas as redes, os seguirão. E passan-
do dalli, viu outros dous irmãos, Tiago,
filho de Zebedeo, e João seu irmão, em
humra barca com seu pai Zebedeo, que
concertavão as suas redes: e os cha-
mou. Elles no mesmo ponto deixan-
do as redes, e o pai, forão em seu segui-
mento. E Jesus rodeava toda a Galiléa,
ensinando nas suas Synagogas, e prê-
gando o Evangelho do Reino: e curan-
do toda a casta de doenças e toda a casta
de enfermidades no povo. E correu a sua
gloria por toda a Syria, e lhe trouxerão
tostos os que se achavão infermos, pro-
vidos de varios achagues, e dores e os pos-
seos, e os lematicos, e os paralyticos, e
os curou. e humra grande multidão
de povo foi seguindo de Galiléa, e de
Decapole, e de Jerusalém, e de Judéa, e
daless do Jordão.

O Santo Evangelho
De
Jesus Christo
P. Segundo
L. Lucas.

O Santo Evangelho ¹⁹⁷
De
Jesus Christo
Segundo
S. Lucas.

Capitulo 1.

Prefação do Evangelista. Promot-
te Gabriel humo filho a Zacarias.
Fica este mudo em castigo
da sua incredulidade. e An-
nunciação de Maria Santis-
sima para ser Mãe de Deus.
Virgã a Isabel. Cantico da
Senhora. e Nascimento do Bap-
tista. Recobra Zacarias a
falla. O seu cantico.

Pois que forão na verdade muitos os que
entendião por em ordem a narração
das cousas, que entre nós se virão cumpri-
das: como no-las referirão, os que desde
principio as virão com seus proprios
olhos, e que forão ministros da palavra:
pareço-me tambem a visor, Excellen-
tissimo Theólogo, depois de me haver dili-
gentemente informado de como todas el-
las passirão des do principio, dar-te por

O Santo Evangelho
De
Jesus Christo
Segundo
S. João

O Santo Evangelho ³¹⁹
De
Jesus Christo
Segundo
João
Capitulo 1.

O Verbo gerado antes de todo o tempo.
Elle he Deus, e está com Deus. He o Au-
thor de tudo que foi creado. He a vida,
e a luz dos homens todos. Elle se fez
homem. João Baptista dá testemu-
nho d'elle, e o declara Cordeiro de
Deus. André com outro mais se-
gue a Jesus, e lhe leva seu irmão. Jesus
pilhendo para este, muda-lhe o nome
de Simão no de Pedro. Chama a Felip-
pe, e Felippe lhe leva a Nathanael.

No principio era o Verbo, e o Verbo estava com De-
us, e o Verbo era Deus. Elle estava no principio
com Deus. Todas as cousas foram feitas por elle;
e nada do que foi feito, foi feito sem elle, nel-
le estava a vida, e a vida era a luz dos homens:
e a luz resplandecce nas trevas, mas as trevas,
não a comprehendirão. Houve hum ho-
mem enviado por Deus, que se chamava
João. Este veio por testemunha, para dar

ALLOY
Was
A. P. T. L. O. Y

407
ACTOS
Dos

ACTOS

Capitulo. 1.

Ascensão de Jesus Christo ao Ceo:
operação dos Espiritos no Cerraculo:
eleição de Matheas em lugar de Judas.

No meus primeiros discursos, fallei na verdade,
o Theophilo, de todas as cousas que Jesus começou a
fazer, e a ensinar até ao dia que, sendo pre-
sentes pelo Espirito Santo aos Apóstolos que ele-
geram, foy acompanhado assim: aos quaes tambem
foy manifestou a si mesmos dizeo como nelli-
tas provas depois da sua Pação, apparecendo-
lhes por quarenta dias, e fallando-lhes do Reino
de Deus. E como se fora elles, lhes sedearon,
que não sahiam de Jerusalem, mas que esperas-
sem a promessa do Padre, que ouvistes (dizeo elle)
da vossa boca porque foy na verdade baptizado
em agua, mas não depois baptizado no Espirito San-
to, mas muito depois de tres dias, e portanto os que
se haviam congregado lhe perguntavão, dizendo: Se-
nhor, dizeo-lhe: Na casa que habitamos neste tempo o
Reino a Israel? E elle lhes disse: Não he da

EPÍSTOLA
De

S. PAULO APOSTOLO
AD ROMANOS.

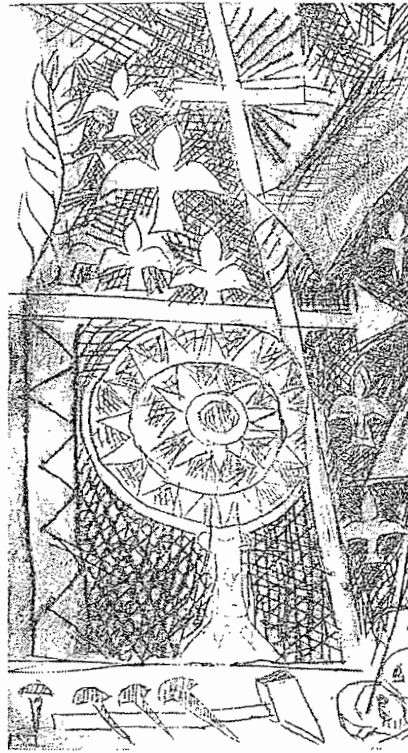
EPÍSTOLA
DE

S. PAULO APOSTOLO
AD ROMANOS.

Capitulo 1.

Recomenda Paulo a excellencia do seu Apostolado. Deseja exercitallo em Roma. Os infieles são irreexcusaveis: porque conhecendo a Deus, não se glorificaram como deus. Por isso permittio Deus, que elles cahissem em abominaveis torpezas de peccados contra a natureza.

Paulo, servo de Jesus Christo e chamado Apostolo, escolhido para o Evangelho de Deus, lo qual Evangelho tinha elle antes promettido pelos seus Profetas nas Santas Escrituras sobre seu Filho Jesus Christo Senhor nosso, que lhe foi feito da linhagem de David, segundo a carne, que foi predestinado Filho de Deus com poder, segundo o Espirito de santificação, pela Ressurreição dentre os mortos: pelo qual have mos recebido a graça, e o Apostolado para que



Calasans Neto 2001

MANUSCRITO DE 1895

Segunda Parte

Apontamentos dos Preceitos

Outros Textos

Apontamentos dos Preceitos
da Divina Lei de Nosso Senhor
Jesus Christo, para a salvação
dos homens.

Pelo Peregrino
Antonio Vicente Mendes Maciel.
No Lavado do
Bello Monte, Provincia da
Bahia em 24 de Maio de
1895.

Apontamentos dos Preceitos da Divina Lei de Nosso Senhor Jesus Christo.

1.º Mandamento.

Anovarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração e de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento. Este é o primeiro e o primeiro Mandamento.

(Math. Cap. 22 v. 38.)

Assim respondeu o Divino Mestre a um dos Doutores da Lei, estando elle ensinando no Templo. A maior parte dos homens não observão este preceito, cuja verdade não necessita de prova; e, para fazel-a mais patente basta o que se observa acerca de semelhante objecto. Mas ah! que ingratião d'aquelles que assim procedem!



5.º Mandamento.

Quantas lagrimas arranca o assassino de uma familia com offensa da Lei Divina e humana, a miseria a que fica exposta a esposa e seus peitinhos, se duzar soffrer semelhante golpe com a necessaria resignação? Ainda que tal homem fassi a estima de muitas injurias de seu inimigo, não era motivo sufficiente para tirarlhe a vida visto ser um dano irreparavel de quando receber essas injurias pelo amor de Deus, para imitar o seu exemplo, que soffreu ultrajes no seu maior grau, como disse São Thomaz. Se elle considerasse que em quanto Jesus estava moribundo na Cruz, não cessarão os honras de atormentalo com exprobrações. Uns dirão, Elle salvou os outros e não pode

7.º Mandamento.

Que offensa terivel commetteo neste pre-
ceto aquelle que furta qualquer coisa
do proximo. Se a creatura considerasse na
expressissima responsabilidade de deus,
Niente damno, nunca o havia de commu-
ter. Se o primeiro passo dado pelo ladrão na
carreira do crime, fosse logo rigorosamente
punido a ponto de não sair da cadeia, não
havia de sofrer tantas desgraças. Feição des-
te peccado, que é enorme. Para maior luz
e intelligencia deste sétimo Manda-
mento, vejaõ o que diz Santo Agostinho que:
se não furdão o peccado sem subsistitior
oferto. Antes deve fuder no caso de achar-
-nos sem meios de subsistitioras e a nossa
família, do que tirar a minima coisa do pro-
ximo. Nosso Senhor Jesus Christo diz no-

Sobre a Cruz

Se quis vult post me venire abneget semetipsum et tollat crucem suam et sequatur me (Matth. cap. 16, v. 24). Se algum quer vir aprof do Senhor meque-se a si mesmo, tome a sua Cruz e siga-me. Assim disse Nosso Senhor Jesus Christo. Quemem deve carregar sua Cruz de baixo de qualquer forma que se apresente, deve penetrar-se assim de jubilo, sabendo que, em virtude della vai ao Ceu. Tambem deve render as devidas graças ao Senhor, por the haver feito tão grande beneficio. Ora, podem Crier que the tem verdadeiro amor a aquelles que renunciam a Cruz, que o Senhor the enria? Jesus Christo não veio nem a sua Patria, nem as suas Communidades, diz Cornelio Lapredi, mas sacrificou tudo isso

Sobre a Paixão de Nosso Senhor Jesus Christo.

Quando Jesus exclamou com grande bra-
do, dizendo: Meu Deus! meu Deus, por-
que me abandonastes? Como ficaria o
Coração do Padre Eterno penetrado de
profundo sentimento, vendo seu Filho in-
nocente, a sua mesma Pessoa cercado de
cruéis tormentos, produção do mais ran-
coroso odio dos Judaeus, que procuravam a-
tormenta-lo e mais que pudessem, sempre
deu alheia-lo, por que deixariam de sa-
tisfazer a sua justiça? Em verdade como
podemos conter o pranto á vista deste gran-
de sacrificio? Como podemos considera-
-lo sem compaixão, medita-lo sem dor, vi-
-lho assistir sem formalizar-nos? A Paixão
do Nosso adoravel Jesus, no que deu res-
peito a os tormentos, de que foi Victimado,

Sobre a Missa

Sem saber um Cristiano o que lucra
 em assistir e ouvir Missa todos os dias,
 deixaria os maiores negocios deste mundo,
 para não faltar tão grande bem espiri-
 tual. Primeiramente, a Missa é a melhor
 comida e mais Sagrada que Deus deu a
 a Igreja, por ser uma representação da
 Paixão e Morte de Nosso Senhor Jesus-
 Christo para que, lembrando-nos do que
 por nós padeceu, nos seja esta repetida me-
 moria um despertador grande, para amar
 a Deus e servi-lo. É a causa mais agrada-
 vel e aceita a este Senhor, que quanto fu-
 demos fazer louvar os Anjos, e os Santos. É
 quando se está a Missa se offerece o
 tempo mais opportuno que ha para a
 oração, e para se fallar com Deus, e dar

Sobre a Justiça de Deus.

Deus é frasciente, diz Santo Agostinho, porque é Eterno. Mas depois dos dias de frascencia virá o dia da justiça, dia tremendo, dia inevitável, em que todas as homens comparecerão diante do Rei da Eternidade, para darem conta de suas obras, e até de seus pensamentos. Transportai-vos em espirito a esse momento formidável, eis que após dos tumultos se commove, e de toda parte a multidão dos mortos corre aos pés do Supremo Juiz. Ali todos os segredos se des-cobrem, a consciência já não tem trevas, e cada um espere em silencio a sorte que lhe está reservada para todo sempre. É para esfrantar que seja necessario de-ter continuamente do homem. Pensa em tua alma, o tempo foge, vem chegando

145-
Sobre a Fé.

Religião Santifica tudo, não destrõe co-
isa alguma, excepto o peccado, não prohibe as
affeições naturais; pelo contrario algumas
ha que ella ordena expressamente; e espe-
cialmente o amor é um daquelle que o Evan-
gelho enculca com mais cuidado. Amai vos
uns a os outros, repete continuamente o A-
postolo São João. Aquella que não ama está
morta, não conhece a Deus, por que Deus é
amor. Como noite da Cua, não vemos nós dis-
cussar sobre o fructo de Jesus o discipulo
que elle amava? Porém para serem
firmes nossas affeições, ha de ter o seu
principio em Deus, e sua regra na boni-
dade divina. Desconfia de toda affeição
que perturba a paz do Coração. Nenhuma
creatura deve ser amada de modo

Sobre a paciência nos trabalhos.

Permitte Deus que nossa alma seja algumas vezes como abandonada. Nenhuma consolação, nenhuma luz: mais de todas as partes, provações, trabalhos, tentações, angustias: parece-lhe que vai se cunbar, porque não sente já obraço que a sustentava. Que faremos então? diremos como Jesus: Meu Deus, meu Deus, porque me desamparastes? E contanto ficarmos emparrados no soffrimento, umas trevas, até que declinem as sombras e descubramos a aurora de um novo dia. Este estado é o maior exercício da fé; é para a alma uma imagem da morte, fria, sem movimento insensível em apparença, está como emberrada no túmulo, e parece não se unir a Deus semão por uma ventada frousa. Oh! quantas

Sobre a Religião.

Religião faz duas cousas: mostra-nos nos-
sa miséria, e indica-nos o remedio para
ella, ensina-nos que, de nós mesmos, nada
podemos para a salvação, mas que pode-
mos tudo por aquelle que nos fortifica.
Daqui vem a aquellas palavras de São Paulo.
Tão profundas de Verdades como temerosas
para o orgulho humano: Eu me glorificarei
em minhas enfermidades, para que abir-
tude de Jesus Christo abite em mim. Sim, con-
tinua elle, Com prazero-me em minhas fra-
quezas: porque quando me sinto fraco,
então é que estou mais forte. Entremos no
pensamento do Apóstolo, e aprende mos
a humilhar-nos, a sentir nossa fraqueza
agor de certo modo de nosso nada. Quan-
do tiver-mos esgotados toda a nossa opinião

Sobre a Confissão.

Não há coisa mais útil ao christão sem mais em desfructavel para commençar dignamente, do que dissecar a sua consciencia, e escrutar, com saudavel severidade, se as tristezas e contrições. Temos em nós mesmos como a imagem do reino das trevas: ali vive, cresce e se propaga a innumeravel familia dos vicios, nascidos da tripla e com cupiseancia que infectou a vida humana em sua origem. Quem examinar sinceramente seu coração, nelle achará o germen de tudo que é mau, uma soberba ora atrevida e violenta, ora desfarçada e astuciosa, uma curiosidade desmedida, appetites insaciáveis, o odio acompanhado da injuria, do ultrage e da calumnia, a inveja mais do homicidio, a barça que diz

Sobre a obediência

A creatura deve estar sempre prompta a obedecer, nunca a frouxa nem desanimada. Na tristura, uma alegria, na consolidação e no soffrimento, lebra e bem diz igualmente aquelle que fere e cura seguindo os devidos conselhos, em penetrar-se a humana creatura. Se affrontação vem provara-to prelija, resista com arrens soccegado, por que não conta sobre suas proprias forcas, e espera a victoria do auxilio que vem do alto. Se alguma vez cai levantar-se logo sem ter receio, humilhado mais não a batido. Seu arrependimento, posto que profundo, é desassombrado, por que é exempto da irritação da soberba. Suas faltas affligem-no, mas não lhe causam espanto. Conhece sua fragura, ca-

Sobre o fim do homem

Homem nascido da mulher vive poucos dias, e é opprimido de muitas misérias. Esta é a sorte que nos fez e peccado. Ouvi os gemidos de toda humanidade cuja figura era Job. Perceba odia em que nasci; e anotei em que se disse: Um homem foi concebido. ! Por que não morri no seio de minha Mãe, ou não faleci quando vim ao mundo? Por que me trouxe ella em seus braços e me criou a seus peitos? Agora dormirei em seu berço, e lá me darei em meu dormiro. Job. Mas sobre esta grande miséria se levantava já a aurora de grandissima esperança. Sei que meu Redemptor vive; e que levei de novo recebido de minha carne e nella levei a meu Deus; hei de vê-lo, e meus olhos o contemplarão. Job.

- 165 -

Como Adão e Eva foram feitos por Deus e que lhes succedeu no Paraíso até que foram desterrados d'elle por causa do peccado.

Deus criou o Céu e a Terra, e todas as mais creaturas, como consta da Sagrada Escriitura, e depois fez o primeiro homem que foi Adão, o qual foi formado fora do Paraíso, no campo Damasceno, pelas mãos de Deus. E querendo Deus dar-lhe principio, disse á da Santíssima Trindade: Façamos o homem á nossa Imagem e semelhança. E logo tomou daquelle Terra limpa, que estava na superfície e daquelle embudo conformado á Cruz (Aqui teve principio a Cruz) e começou a de lenhar áquelle Supremo Autor, ao nosso primeiro Pai, havendo-se então Deus como um Estatuario, quando dá principio á

O Profeta Jonas -

Depois da morte de Cléu, escolheu Deus a Jonas, e lhe disse: Cidade de Ninive, e prega penitencia áquelle povo, por que o clamor de seus crimes tem chegado até aos meus ouvidos. Era Ninive Capital do Império de Assyria, e tão mergulhada na impiedade e idolatria, que Jonas antes que ria vê-la arrasada, e por isso para esquivar-se ao mandado do Senhor, tomou um Navio que dava a vela para a Espanha. Mas Deus mandou tão desabrida tempestade, que os marinheiros espavoridos, prostráram-se a pedir socorro ao Céu, pois o Navio hia já sem governo e quasi comido das ondas. Entre tanto, dormia Jonas a dormir sobre o porão do Navio. Chegou então a elle o piloto e acordou.

Paciencia de Job.

Em tempo dos Patriarchas, vivia na Arábia um homem de nome Job, e qual tinha setes filhos e tres filhas, e possuia 7.000 ovelhas, 3.000 Camêlos, 500 jumentos de bois, 500 jumentos, e muitas serras. Tera Job de grande conceito em todo o Oriente, em razão de suas proezas e riquezas, e ainda mais por sua piedade. Um dia disse Deus a Satana: Tens tu considerado em meu ser-
80 Job, homem singular, recto e temente a Deus como não há outro sobre a terra?

Respondeu Satana a Job, achava provento em vós servir, tendes abençoado o trabalho de suas mãos, e augmentado seus ca-
bentes; mas experimentai-o tirando-lhe o que possui, e vereis como elle vos amaldi-
çoa e abandona. Disse o Senhor: Pois seja:

- 185 -
Peccação de Moysés.

Quando Moyses chegou a idade de qua-
renta annos, e viu a miseria de seus irma-
õs os Israelitas antes quiz padecer com
elles a afflicção, que gozar de todos os thesou-
ros e aegrias do Egypto. E porque elle to-
tamente inergicamente a defeza de seus
irmaõs opprimidos, por isso quiz Pharaõ
mandal-o matar. Moyses, porém, fugio
para o Tera de Madian, onde por quarenta
annos pastoreou gado do Sacerdote Jethra.
Um dia que elle estava com o rebanho a mon-
tanha de Herob appareceu-lhe Deus ma-
chamado que sahia do meio de uma can-
cha, a qual ardia, mas não se consumia.
Moyses estupefacto disse: Vou arrisinhbar-
me para observar esta grande maravil-
ha; mas como elle se apressa para ir vêr

As dez pragas do Egypito.

Depois disto, Moysés e Aarão, ambos octogennarios, apresentaram-se a Pharaó, e lhes disserão: Eis o que te manda dizer o Senhor Deus de Israel: Deixa ir o meu povo, a fim de que elle me offerença um sacrificio no Egipto. Pharaó respondeu com soberbia: Não sei quem seja esse tal Senhor. Dillo Deus, e não deiscarei ir o povo. E logo ordenou pharaó para serem os Israelitas mais opprimidos ainda, e taxados de pesadissimos serviços. Por ordem de Deus Moysés e Aarão foram de novo a Pharaó. Aarão lançou ante elle, no chão, a vara que trazia, e esta se mudou em serpente. Passou Pharaó, mas seu coração ficou sempre inflexivel, e não quizer deixar partir o povo de Deus.

Morte dos primogênitos, Cordeiro Pas-
choal, saída do Egypito.

Disse Deus a Moysés e a Arão. Desci
ao povo de Israel. No decimo quarto dia
deste mez, tomei cada qual um Cor-
deiro sem mancha e pela tarde o immo-
le. Como sangue delle tingereis as por-
tais e soleiras de vossas casas e como
eis a carne assada. Com faveas admo; mas
comet-a-heis como quem vai de ma-
gem. Cinta posta, pés calçados e bas-
tas na mão. Esta mesma noite man-
darei ao Egypito o meu Anjo; elle in-
fligirá morte aos primogênitos dos Egy-
picios; mas vendo o signal de sangue em
vossas casas, passarei a vante, e vos libra-
rei a todos do Captiveiro do Egypito. Si-
veram os Israelitas como o Senhor

Passagem do mar Vermelho.

Deus mostrou aos Israelitas o caminho que deviam tomar fazendo-os preceder d'elles por uma columna de nuvens de noite e por uma de fogo. Assim chegaram ao Mar Vermelho. Pharaó arrependido de ter deixado partir os Israelitas, pôz-se, sem detença, em seguimento d'elles, com carros de guerra e Casa Real. Quando os Israelitas viram que tinham pelas costas os Egypcios, e em frente o Mar, ficaram de breves maneira atterrados. Mas Moysés lhes disse: Não temais; o Senhor combaterá por vós. Então a columna de nuvens que hia diante d'elles, passou para trás, e se collocou entre elles e os Egypcios, e táo carregado tenebrosas

Codornizes, Mandi e Agua no Deserto.

Depois se acharam os Israelitas no Deserto, onde nenhum alimento tinham, pelo que entravam a murmurar dizendo: Óhala tivéssemos morrido no Egipito! Lá nos sentaríamos junto a ovelha de carne, e tínhamos pão afartar! Então disse Deus a Moysés: Falla ao povo, e diz-lhe. Esta tarde comereis carne e amanha vós fartareis de pão, e assim conhecereis quem sou o Senhor vosso Deus. Ora por volta da tarde, uma nuvem de codornizes veio abater-se no campo, e se deixavam apanhar facilmente. Demanhã appareceu o deserto coberto de gracinhas brancas, a modo de queda, e os Israelitas exclamaram: Mandi? que quer dizer? Que é isto disse-lhe Moysés: É pão

Os dez Mandamentos Aliança de Deus com Israel.

No terceiro mês depois da saída do Egypto, chegaram os Israelitas a raiz do Monte Sinai. Moysés subiu ao Monte, e Deus lhe disse: Eis o que annunciarias aos filhos de Israel: Estas o que fiz aos Egypticos, e de que forma vos protegi. Portanto, se escutardes a minha voz, e guardardes minha aliança, sereis meu povo escolhido. Refe-rieu Moysés aos Israelitas o que o Senhor lhe dissera, e elles exclamaram a uma voz: Faremos tudo quanto o Senhor mandar. Disse o Senhor ainda a Moysés: Manda ao povo que se prepare e purifique, hoje e amanhã, até ao terceiro dia. No amanhecer do terceiro dia começou a relampegar e a trovejar, um espesso nevoeiro cobriu

assombrança do Sinai; a qual no cume
lançava fumaça e chamma; e toda estre-
meia até a base. E ao mesmo tempo do
meio das nuvens se ouvia cada vez mais
forte um som de trombetas, a ponto que o
povo a comprado na planície ficou pas-
sado de terror. Moysés o viu n'um c'roço da
montanha, perante a face de Deus, e
Senhor falou deste modo a Israel: 1.º Eu
sou o Senhor teu Deus; não terás Deuses es-
tranhos em minha presença; não farás
imagem esculpida para a adoral-a.
" 2.º Não tomarás o Nome do Senhor
" teu Deus em vão.
" 3.º Lembra-te de santificar
" o dia do descanso do Senhor
" 4.º Honrarás a teu pai a tua
" mãe; a fim de reveres longa
" vida sobre a terra.



- " 5.º Não mataras.
- " 6.º Não commetterás adulterio.
- " 7.º Não furtarás.
- " 8.º Não levantarás falso testemunho
- " 9.º Não desejarás a mulher
do teu proximo.
- " 10.º Não cobiçarás a casa do teu

proximo, nem seu campo, nem seu criado,
nem sua criada, nem seu boi, nem seu
jumento, nem coisa alguma que lhe per-
tença. O povo que estava tremendo ao
fuzil da montanha, exclamou, cheio de as-
catamento. Faremos tudo o que o Senhor
nos diz. Levantou Moyses um altar e o-
ffereceu sacrificio ao Senhor. Tomou
depois o sangue da victimha, e as fergin-
do-as sobre o povo, disse: Eis o sangue da
Alliança que com voseo fez o Senhor.
Como estabelecida a antiga Alliança,

sobre o Monte Sinai, e assim foi a-
nora sobre o Calvário. Allí manifestou
mais Deus o seu poder e rigor, aqui o
seu amor e misericordias. Uma outra
aliança foi confirmada com sangue no
Sinai como sangue dos animais, no Gol-
gotha como sangue da Verdadeira Victi-
ma o Cordeiro sem mancha, Nascido
Senhor Jesus Christo.

O Bezerro de Ouro.

Subiu outra vez Moysés ao monte, e abijfe-
cou quarenta dias e quarenta noites con-
versando com Deus. Depois o Senhor the-
deu duas taboas de pedra, sobre as quaes
estavam gravados os dez Mandamentos.
Neste meio tempo disse a Aarão:

Não sabemos o que é feito de Moysés fa-
tue-nos deuses como os deus Egypcios. Para
afastar os Israelitas de taes impio pro-
gredo, Aarão respondeu: Trazei-me as
arrecadas de vossas mulheres e filhas.
Contra sua expectativa, trouxeram-lhe
elles todas as joias que tinham, e não ou-
trando Aarão resistir fundio-as e formou
um Bezerro de ouro, que pôz sobre o Al-
tar. Os Israelitas offereceram sacri-
ficio a bezerro de ouro, comeram e bebe-

- 206 -
Leis do Culto Divino.

Além dos dez Mandamentos de Deus a Moysés outros preceitos para o povo, mormente com relação ao Culto Divino, tudo quanto lhe ordenara o Senhor, Moysés executou, ponto por ponto. 1.º Tabernáculo. Começou Moysés por fabricar uma Tenda Sagrada, com trinta covados de comprimento, dez de largura, e dez de altura, com pilares de prata setenta, podendo descer ao mar-de, tudo quarmecido de ouro, e coberto de telhas preciosas. Nessa cortina de magnifico lavor, separada a tenda em duas partes, chamada a menor - Santo dos Santos a maior - Santuario Collocou no Santo dos Santos a Arca da Alliança, que era á modo de um cofre de madeira finissima

Discurso da admoestação de Moysés sua mãe.

Chegou o tempo em que tinha Moysés de deixar seu povo, pelo que, disse-lhe o Senhor: Põe tua mão sobre Judá e empreme a cabeça de todo povo, a fim de que d'ora em diante todos lhe obedeçam. Assim fez Moysés, e disse ao povo: Eu vou morrer neste deserto, e não passarei a Jordão; e não entrarei com vós na fértil terra que ideis possuir. Não esqueçais a Aliança que com Deus fizestes. Amiai ao Senhor de todo vosso coração, de toda a vossa alma, e com todas as vossas forças. Lembrai-vos de tudo o que Elle tem feito em vosso favor, conduzindo-vos durante quarenta annos pelo deserto, nutriundo-vos e ensinando-vos com todo disvelo,

Os Juives.

Poriam os Israelitas sempre conserva-
rem muitissima gratidão ao Senhor pe-
la formosa terra que lhes dera, mas não
foi assim. Pecaram-se se deixir pelos
gentios, que lhe feceram versinhos, e apou-
co apouco foram cativados na idolatria.
Por isso os entregou o Senhor ás mãos de
seus inimigos para que, reduzidos á es-
cravidão, se convertessem, e invocassem
humildemente o Senhor. Então Deus lhes
suscitara pijs heróis, chamma dos Juives,
que os salvaram. Mas logo que um Juive
morria, voltavam de novo os Israelitas
ao culto dos Idolos, e assim este povo, ingra-
to e infiel, andou vacillante por espaço de
quatro centos annos. Os varios Juives, ou
libertadores que Deus lhe mandou de-

Construção e edificação do Templo de Salomão.

No quarto anno de seu Reinado, começou Salomão a construir um Templo ao Senhor, em Jerusalem, no monte Moria Havia 70,000 operarios carregadores de materia, e 80,000 a cortarem pedra nos montes, e 3,600 futores, inspreccionando as obras. 2000 Israelitas andaram pelo Libano cortando cedro e faias, e assim se levantou aquelle magnifico e requisitissimo Templo com 60 cômodos de comprimento, 20 de largo, e 30 de alto, sem contar os espaçosos alpendres que o cercavam, e os grandes adros para os Sacerdotes e para o povo. As paredes de dentro eram forradas de retabulos de cedro, de primorosa e finissima esculptura, representando Cherubims, palmas e flores

O Dilúvio

Deus ameaça com o dilúvio aos homens, a quem as advertências e admoestações não tinham corrigido. Depois de haver esperado muito tempo por sua conversão, porque em vão ouvira suas ameaças. Salva-se Noé com sua família. Quando Deus viu que a malícia dos homens chegara ao último ponto, e que todos os seus filhos e ventos cobriam se encarniçavam no mal, como quem se arrependeu de ter criado o homem, e parecendo penetrado de uma profunda dor, disse: Vou de agora em diante destruir de cima da terra o homem que he creado, e nem os meus he de perdoar, porque me fizeram da os ter creado. Noé porém achou graça diante do Senhor, porque era justo e perfeito no

- 228 -
Reflexões

Que terrível exemplo da justiça de Deus
em o mesmo tempo que testemunha de me-
rericordia e de paciencia! Todos o gene-
ro humano é culpado, á excepção de um
só justo. Por muyto numerosos que se-
fão os peccadores, Deus os castiga ato-
dos como se fossem um só homem.

Não digas nunca: Não me fará mal
pelo meu peccado, porque muitos outros
fazem como eu. Quantos ponderaram
assim contra o diluvio? Não digas, fôr-
fique: fôrso continuar no meu pec-
cado, porque ha muitos que assim fazem,
e nenhum mal me tem acontecido.

Por este tremendo exemplo se mostra
que Deus é sim paciente, mas que sua
merericordia tem sempre um termo,

Sextas

Et ingressus Angelus ad eam dicit:
Ave gratia plena: Dominus tecum Bene-
dicta tu in mulieribus.

(Luc. cap. 1. v. 28)
Entrando pois o Anjo onde ella estava
disse-lhe Deus te salve cheia de graça:
O Senhor e contigo. Dizeo tu entre
as mulheres. E respondendo Angelus dicitur
Spiritus Sanctus superveniet tibi et virtus
Altissimi o bumbraabit tibi. Ideoque et
quod nascetur tibi Sanctum, vocabitur
Filius Dei

(Luc. Cap. 1. v. 29)
Respondendo o Anjo lhe disse: Espírito
Santo descerá sobre ti; e a virtude do Altis-
simo te cobrirá da sua sombra. E por isto
mesmo o Santo que ha de nascer de ti se

rá chamado Filho de Deus. Grande desejo que Jesus teve de soffrer e morrer por nos pelo amor.

Ignem veni mittere in terram, et quod solo vult ut accendatur?

(Luc. Cap. 12 v. 49)

Que tinha vindo á terra para trazer a abrasas e fogo do Divino amor, e que não tinha outro desejo senão de ver esta Santa chama accender em todos os corações dos homens.

Siquis vult post se venire abneget sententiam, et tollat crucem suam, et sequatur me.

(Matth. Cap. 16, v. 24)

Quis quem quer vir á pós de mim, que se de a si mesmo, e tome a sua Cruz e siga-me Christoos passus esta pro

Sobre peccados dos homens.

Peccaram todos os homens, todos devem soffrer: esta é a lei actual da humanidade: lei de justiça, porque Deus não seria Deus se o crime ficasse impune; lei de amor, porque o soffrimento, a ceito cora redignação e unido aos padecimentos do Salvador, cura a alma e restabelece-a no estado primitivo da innocencia. De que pois te queixas quando esta lei divina se cumpre a teu respeito? De que amisericordia divina torna cuidado de te regenerar? Por virtura de seres semelhante a Jesus Christo, que voluntariamente quiz e devia segundas as palavras do Evangelista, soffrer, para te remir com o seu sangue. E começou a ensinar-lhes como cumpria que o Filho





MANUSCRITO DE 1895
Índice da Segunda Parte

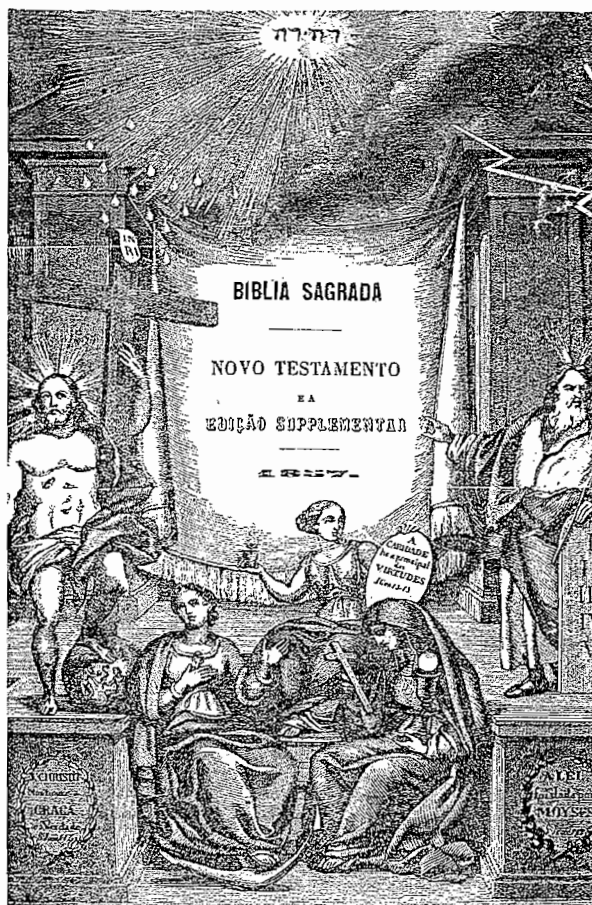
Índice

Apontamentos dos Preceitos da Sagrada Lei de Nosso Senhor Jesus Christo

	Paginas
Primeiro Mandamento	1
Segundo	15
Tercero	32
Quarto	41
Quinto	62
Sexto	73
Setimo	86
Oitavo	96
Nono	108
Decimo	113
Sobre a Cruz	122
Sobre a Paixão de Nosso Senhor Jesus Christo	134
Sobre a Missa	139

Sobre a justiça de Deus	143
Sobre a Fé	146
Sobre a paciencia nos trabalhos	148
Sobre a Relegião	150
Sobre a Confissão	153
Sobre a obediencia	160
Sobre a fim do homem	163
Como Adam e Eva foram feitos por Deus e que lhes succedeu no Paraizo a ti que foam desterrado delle por culpa dope- ccado.	165
O Profeta Jovias	174
Paciencia de Job	179
Visões de Moysés	185
As dez Pragas do Egypto	188
Morte do Promogente Cordisco Pas- choal sahida do Egypto	190
Passagem do mar Vermelho	193
Condomines Maria e Agua no Piratof	196

Os Dez Mandamentos Aliança de Deus com Israel	19.
O Dinero de Ouro	20.
Leis do Culto Perino	20
Peradevia admoestação de Moysés seu morte	21.
O Juizes	21:
Construção e edificação do Templo Salomão.	21:
O Diluvio	221
Reflexões	228
Textos	235
O preceado de todos os homens	248
Fim do indice	



APÊNDICES

Bíblia de 1857*



Cartas de 1893 atribuídas ao punho
de Antonio Vicente Mendes Maciel, o Conselheiro**
Telegrama***

*Fac-símile em fragmento para os quatro primeiros capítulos do Evangelho de São Mateus

**Reprodução das cartas e transcrições

***Reprodução do documento original e transcrição

1202

NOVO TESTAMENTO

VIDA DE

NOSSO SENHOR JESUS CHRISTO

CONTENDO OS

SANTOS EVANGELHOS, ACTOS DOS APOSTOLOS, EPISTOLAS, E APOCALYPSE.

TRADUÇÃO DO

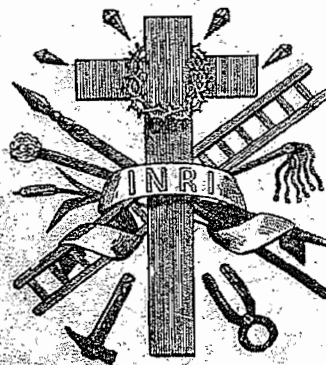
PADRE ANTONIO PEREIRA DE FIGUEIREDO

ILLUSTRADA COM PRAFAÇÕES, NOTAS, LIÇÕES VARIANTES, ETC.

PUBLICADO SOB OS AUSPICIOS

DO HMKRNTISSIMO SENHOR

CARDEAL PATRIARCHA.



LISBOA

EMPRESARIOS
SILVA & SOUSA. — ESCRITORIO NA TRAVESSA DA RUA
(AOS PAULETAS) N.º 8.

TYPOGRAPHIA
DE JOAQUIM GERMANO DE SOUSA NEVES.
RUA DO CALDEIRA N.º 5.

1857.



PREFACÃO A S. MATTHEUS.

Cumpridas já de todo, quanto á Redempção do genero humano, as Profecias do Antigo Testamento, pela estupenda Paixão, e Morte do Homem Deos, do verdadeiro Messias, do Desejado das Gentes, que por hum puro effeito das ternissimas entranhas da sua Misericordia não duvidou superabundantissimamente satisfazer á Divina Justiça com o infinito preço do seu Sangue a culpa original de Adão, em que todos peccarão; e verificadas assim as promessas do Supremo Legislador para testemunho da sua impreterivel Palavra: logo á antiga Aliança principiou a succeder a nova, isto he, a luz á sombra, o corpo á imagem, a verdade á figura. S. Mattheus, que havia sido pelo mesmo Jesu Christo chamado noutro tempo do Telonio ao Apostolado, foi o primeiro que estampou aos olhos do Mundo as gloriosas acções do seu Divino Mestre, pondo por escrito a sciencia da salvação, que o mesmo Senhor viera dar ao seu Povo para remissão dos peccados em que se achava submergido. Nesta conformidade escreveo, como se julga, á instancia dos Judeos convertidos, tendo já com pouca differença decorrido seis annos depois da Morte do Salvador, o presente Evangelho, que quer dizer *boa nova* da salvação, que ella nos annunciou.

E verdadeiramente que melhor nova, diz S. João Chrysostomo, podia elle annunciar a todos os homens, a todos os peccadores, a todos aquelles, que erão inimigos de Deos, e como cegos estavão assentados nas trévas, e na sombra da morte, que o perdão dos seus peccados, a sua justificação, e aquella graça ineffavel, pela qual sendo resgatados da escravidão do demonio, e das penas do Inferno, elles devião ser recebidos na classe dos Filhos de Deos, e entrar com Jesu Christo seu unico Filho na herança do seu Reino eterno? Tal he pois o motivo, porque S. Mattheus deo a esta sua Obra o nome de Evangelho, por ser a nova mais feliz, que os homens podião, ou desejar, ou esperar.

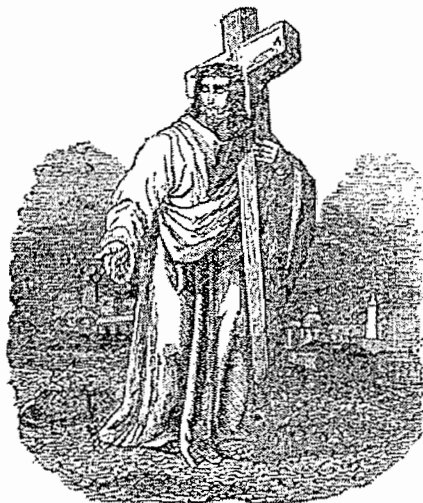
Mas sendo o testemunho da verdadeira Religião, que S. Mattheus nos deixou, tão verídico e authenticico; poderá dizer alguém, que não era necessario o dos outros Evangelistas para confirmação d'uma verdade certissima e indubitavel. Aos brados desta objecção, que he do mesmo Santo Doutor da Igreja, que assim fica allegado acode elle com a sua costumada energia, respondendo: Que sim era sufficiente hum só dos Evangelistas para estabelecer as maximas do Evangelho que propunha, visto mover a todos elles a penna hum superior impulso, e particular assistencia e inspiração do Espírito Santo; mas que permittio e quiz o Senhor que a sua celestial doutrina ficasse confirmada pela attestação d'hum maior numero de Testemunhas, não tanto pela verdade em si mesma, quanto para maior confusão dos que pretendessem com temeraria e sacrilega ousadia contradizella e impugnalla. Por quanto he de saber, que quando quatro homens escrevendo sobre o mesmo assumpto em tempos e lugares differentes, sem terem communicação huns com os outros, concordão no essencial dos factos que relatão, he esta huma evidente prova das verdades que attestão. E se algumas vezes parece que discordão entre si, esta mesma discrepancia e variedade serve ainda de

maior prova para confirmação do que dizem: porque se não houvera alguma differença ou nas circumstancias dos tempos, ou dos lugares, ou das expressões, não sómente supportião, mas até assentarião ter havido mancommunação entre os Evangelistas para de industria fallarem todos pela mesma boca.

Ora como naquelle tempo se tinha ainda pouca noticia do Mysterio da vocação dos Gentios, e S. Mattheus era Judeo, e se achava na Judéa, por isso escreveu particularmente para os seus Nacionaes o presente Evangelho em Hebreo, ou n'humas Linguas misturadas de Syriaco, e Caldaico, por ser a que então fallavão os Judeos na Palestina.

Já no tocante ao Intérprete, que verteo o Evangelho de S. Mattheus do Hebreo na lingua Grega, e desta na Latina, cousa he que se ignora: o que se sabe de certo, he, que ambas as versões são antiquissimas, e que ninguem pôde duvidar da sua authenticidade, á vista da decisão, e uso que dellas faz a Igreja Catholica.

Resta-nos aqui advertir, que S. Mattheus depois da Ascensão do Senhor, foi prégar, segundo alguns antigos Escritores, á Ethiopia, ou, como escrevem outros, á Persia. Refere tambem Eusebio que Panthenes, Filosofo Estoico, depois de convertido á Fé Catholica, passara nos fins do segundo seculo ás Indias a prégar o Evangelho, e que achára alli o de S. Mattheus escrito em Hebreo, aonde se diz tello consigo levado S. Bartholomeo hum dos dõze Apostolos, que semeou igualmente naquelles Paizes a doutrina do Christianismo. Em fim he para notar, que huma prova de que já no tempo dos Apostolos havia huma Versão authentica do Evangelho de S. Mattheus na lingua Grega, he, que nos fins do quinto seculo tendo-se descoberto o corpo de S. Barnabé, se achou sobre o seu peito o mesmo Evangelho escrito no sobredito idioma.



O SANTO EVANGELHO

DE

JESU CHRISTO

SEGUNDO S. MATTHEUS.

CAPITULO I.

Genealogia de Jesu Christo, sua Conceição, e Nascimento.

1 LIBER generationis Iesu Christi filii David, filii Abraham.	4 (1) Livro da geração de Jesu Christo (2) filho de David, filho de Abrahão.	Luc. III 31. Geo.
2 Abraham genuit Isaac.	2 Abrahão gerou a Isaac.	XXI 9. Geo.
Isaac autem genuit Jacob.	E Isaac gerou a Jacob.	XXV 26. Geo.
Jacob autem genuit Judam, et fratres ejus.	E Jacob gerou a Judas, e a seus irmãos.	XXIX 35. Geo.
3 Iudas autem genuit Phares, et Zaram de Thamar.	3 E Judas gerou (3) de Thamar a Farés, e a Zarão.	XXXVIII 29. 1 Par. II 5. Ruth. IV 8.
Phares autem genuit Esron.	E Farés gerou a Esron.	1 Par. II 5.
Esron autem genuit Aram.	E Esron gerou a Arão.	1 Par. II 8.
4 Aram autem genuit Aminadab.	4 E Arão gerou a Aminadab.	1 Par. II 5.
Aminadab autem genuit Naasson.	E Aminadab gerou a Naasson.	Num. VII 12.
Naasson autem genuit Salmon.	E Naasson gerou a Salmon.	
5 Salmon autem genuit Booz de Rahab.	5 E Salmon gerou de Rahab a Booz.	Ruth. IV 21.
Booz autem genuit Obed ex Ruth.	E Booz gerou de Ruth a Obed.	Ruth. IV 22.
Obed autem genuit Iesse.	E Obed gerou a Jessé.	1 Reg. XVI 1.
Iesse autem genuit David regem.	E Jessé gerou ao Rei David.	XVI 1.

(1) *Livro da geração, etc.* Isto he, *Livro da Genealogia*, como verteo Sacy, ou sómente *Genealogia* de Jesu Christo; porque entre os Judeos por hum puro Hebraismo qualquer genero de escriptura, por breve que seja, se chama *Sepher*, isto he, *Livro*. — PERRINA.

(2) *Filho de David.* O nomear o Evangelista sómente a David, e Abrahão, foi porque a estes especialmente promettera Deos, que do seu sangue nasceria o Messias. O nomear primeiro a David, sendo mais moderno, foi ettender a dignidade Real, e a que a sua memoria estava mais fresca entre os Judeos, e o seu nome na

heca de todos. — CALMET com S. Jeronymo e S. João Chrysostomo.

(3) *De Thamar.* Tendo Jesu Christo por suas avos segundo a carne muitas mulheres santissimas, e nobilissimas, só quiz que se nomeassem quatro na sua arvore: Thamar incestuosa, Bersabé adultera, Rahab, e Ruth estrangeiras de humilde fortuna: para com isto dar aos Peccadores confiança; aos Gentios hum penhor da sua vocação ao Evangelho; a todos, hum exemplo de humildade. — S. JERONYMO.

1 Reg. XII 24
 6 E o Rei David gerou a Salamão (4) daquella que foi de Urias.
 7 E Salamão gerou a Roboão.
 III Reg. XI 43.
 III Reg. XIV 31.
 III Reg. XV 8.
 8 E Roboão gerou a Abias.
 E Abias gerou a Asá.
 9 E Asá gerou a Josafat.
 E Josafat gerou a Jorão.
 (5) E Jorão gerou a Ozias.
 10 E Ozias gerou a Joathão.
 E Joathão gerou a Acáz.
 II Par. XXVI 29.
 II Par. XXVII 9.
 II Par. XXVIII 27.
 II Par. XXXIII 33.
 II Par. XXXIII 20.
 II Par. XXXIII 25.
 II Par. XXXVI 1 e 2.
 11 E Acáz gerou a Ezequias.
 E Ezequias gerou a Manassés.
 E Manassés gerou a Amon.
 E Amon gerou a Josias.
 12 E depois da transmigração de Babilonia:
 11 (6) E Josias gerou a Jecônias, e a seus irmãos na transmigração de Babilonia.
 12 E depois da transmigração de Babilonia:
 Jecônias gerou a Salathiel.
 E Salathiel gerou a Zorobabel.
 13 E Zorobabel gerou a Abiud.
 E Abiud gerou a Eliacim.
 E Eliacim gerou a Azor.
 14 E Azor gerou a Sadoc.
 E Sadoc gerou a Aquim.
 E Aquim gerou a Eliud.
 15 E Eliud gerou a Eleazar.
 E Eleazar gerou a Mathan.
 E Mathan gerou a Jacob.
 16 E Jacob gerou a José (7) Esposo de Maria, da qual nasceo Jesus, que se chama (8) o Christo.

6 David autem rex genuit Salomonem ex ea, quæ fuit Uriæ.
 7 Salomon autem genuit Roboam.
 Roboam autem genuit Abiam.
 Abias autem genuit Asa.
 8 Asa autem genuit Iosaphat.
 Iosaphat autem genuit Ioram.
 Ioram autem genuit Oziam.
 9 Ozias autem genuit Ioatham.
 Ioatham autem genuit Achaz.
 Achaz autem genuit Ezechiam.
 10 Ezechias autem genuit Manassen.
 Manasses autem genuit Amon.
 Amon autem genuit Iosiam.
 11 Iosias autem genuit Iechoniam, et fratres ejus in transmigratione Babylonis.
 12 Et post transmigrationem Babylonis:
 Iechonias genuit Salathiel.
 Salathiel autem genuit Zorobabel.
 13 Zorobabel autem genuit Abiud.
 Abiud autem genuit Eliacim.
 Eliacim autem genuit Azor.
 14 Azor autem genuit Sadoc.
 Sadoc autem genuit Achim.
 Achim autem genuit Eliud.
 15 Eliud autem genuit Eleazar.
 Eleazar autem genuit Mathan.
 Mathan autem genuit Iacob.
 16 Iacob autem genuit Ioseph virum Mariæ, de qua natus est Iesus, qui vocatur Christus.

(4) *Daquella que foi de Urias.* Isto he, daquella que foi mulher de Urias, a qual vem a ser Bersabé, de cujo adulterio com o Rei David nasceo hum filho; e morto este, recebeu David por sua legitima mulher a Bersabé, cujo primeiro marido foi morto na guerra; e della teve David a Salamão. II Reg. XII 24. — *CAIXET.*

(5) *E Jorão gerou a Ozias.* Jorão não foi pai immediato de Ozias, mas somente seu terceiro avô. Porque Jorão gerou a Ocozias, Ocozias a Joás, que teve a Amazias, de quem nasceo Ozias. II Paralip. cap. 22, 24, e 25. Duas razões se allegão da causa desta omisão. Humã, que o Evangelista por hum certo mysterio, quiz dividir toda a Genealogia de Christo em tres classes iguaes, cada huma de quatorze gerações. Outra, que como o Profeta Elias tinha predito a Acab Rei de Israel, que toda a sua descendencia seria exterminada; parece que o Evangelista quiz executar esta sentença por uma especie de morte civil, ao menos até a quarta geração na Genealogia de Christo; porque Jorão teve por mulher uma filha de Acab. — *SACT.*

(6) *E Josias gerou a Jecônias:* Aqui se deve entender não immediatamente, senão por meio de Joaquim, pai de Jecônias. I Paralip. III 15 16. Este Joaquim não mereceo ter lugar na sepultura dos Reis de Judá. Jerem. XXII 18. E por esta razão S. Matheus, julgou, que tambem não devia pôr-se na Genealogia de Jesu Christo. *E a seus irmãos:* quer dizer, e a seu irmão Sedecias. I Paralip. III 15. Ou se acaso teve outros, não faz menção delles a Escritura Hebraica. *Na transmigração:* no tempo, ou ao tempo da transmigração; porque Josias já era morto, quando succedeo esta; a qual começou no Reinado de Joaquim seu filho e se continuou no de Jecônias:

IV Reg. XXIV 15 e II Paralip. XXVI 1 2. Em alguns manuscritos se lê: *Josias gerou a Jacim: Jacim gerou a Jecônias, etc.* com a qual addição se completão as vinteito gerações, que conta S. Matheus desde David até Jesu Christo; pois sem ella ficão defectuosos: a não ser, que contemos nesta Genealogia a Maria Santissima; honra, que por haver concebido a Jesu Christo, sem consorcio de Varão, lhe fazem muitos. não obstante que as mulheres não tinham lugar nas Genealogias. — *PEREIRA.*

(7) *Esposo de Maria.* Se Jose só era pai existimado, e não verdadeiro de Christo, como nos dá o Evangelista a conhecer os Ascendentes de Christo pelos de José? He porque por huma parte a Genealogia entre os Judeos sempre se teia pelos Varões, e não pelas Femeas; e por outra parte como pela Lei do Livro dos Numeros XXXVI 6 7 8 sempre as femeas, que erão herdeiras, devião casar na mesma Tribu, e Familia: O mesmo ora declarar os Ascendentes de José, que declarar os de Maria, da qual era Christo verdadeiro Filho. Assim responde Sact com Eusebio de Cesarça, Santo Hilario, S. João Chrysostomo, S. Cyrillo de Alexandria, e Santo Euquerio de Leão; cuja authoridade deve preponderar á dúvida negativa que põe Calmet, de não constar que a Senhora fosse herdeira de seus pais. — *PEREIRA.*

(8) *O Christo.* O que na Lingua Hebraica he *Messias*, na Grega he *Christus*, na Latina *Unctus*, na Portugueza o *Unctido*; nome, que por excellencia se attribue nas Escrituras ao Filho de Deus feito Homem, para significar a Uncção da Graça, e da Divindade, segundo explica S. Paulo aos Hebreos. I 9. E não se repare em eu neste, e em outros lugares pôr arti-





ANNUNCIAÇÃO.

17 Omnes itaque generationes ab Abraham usque ad David, generationes quatuordecim: et à David usque ad transmigrationem Babylonis, generationes quatuordecim: et à transmigratione Babylonis usque ad Christum, generationes quatuordecim.

18 Christi autem generatio sic erat: Cùm esset desponsata mater ejus Maria Ioseph, antequàm convenirent, inventa est in utero habens de Spiritu sancto.

17 De maneira que todas as gerações desde Abrahão até David, são quatorze gerações: e desde David até á transmigração de Babilônia, quatorze gerações: e desde a transmigração de Babilônia até Christo, quatorze gerações.

18 Ora a Conceição de Jesu Christo foi desta maneira: Estando já Maria sua Mãi desposada com José (9) antès de cohabitarem, se achou ter ella concebido por' obra do Espírito Santo. Luc. 1:27.

culo a este nome; porque assim o fizeram todos os bons Traductores na consideração de ser este nome adjectivo, e pedillo assim mesmo o sentido. — PEZZANA.

(9) *Antes de cohabitarem.* O Evangelho refere o que se passou na verdade, que foi conceber a Senho-

ra antes que José a conhecesse maritalmente. Mas não se pôde dahi inferir, que elle a conhecesse depois. Porque a Igreja sempre teve por hereges, os que tal affirmavão. — S. JERONIMO.

19 E José seu Esposo, como era justo, e não queria infamalla: resolveu deixalla secretamente.

20 Mas andando elle com isto no pensamento, eis-que lhe appareceu em sonhos um Anjo do Senhor, dizendo: José filho de David, não temas receber a Maria (10) tua mulher: porque o que nella se gerou, he obra do Espirito Santo:

Luc. I 31.
Act. IV
12 21 e ella parirá hum Filho: e lhe chamarás por nome JESUS: porque elle salvará o seu Povo dos peccados delles.

22 Mas tudo isto aconteeo, para que se cumprisse o que fallou o Senhor pelo Profeta, que diz:

Isai. VII
11 23 Eis huma Virgem conceberá, e parirá hum Filho: e appellidallo-hão pelo nome de Emmanuel, que quer dizer, Deus comuoseo.

24 E despertando José do somno, fez como o Anjo do Senhor lhe havia mandado, e recebeo a sua mulher.

25 E elle não na conheceo, (11) em quanto ella não pario ao seu (12) Primogenito: e lhe poz por nome Jesus.

19 Ioseph autem vir ejus cum esset justus, et nollet eam traducere: voluit occultè dimittere eam.

20 Hæc autem eo cogitante, ecce Angelus Domini apparuit in somnis ei, dicens: Ioseph fili David, noli timere accipere Mariam conjugem tuam: quod enim in ea natum est, de Spiritu sancto est:

21 pariet autem filium: et vocabis nomen ejus IESUS: et ipse enim salvum faciet populum suum à peccatis eorum.

22 Hoc autem totum factum est ut adimpleretur quod dictum est à Domino per Prophetam dicentem:

23 Ecce virgo in utero habebit, et pariet filium: et vocabunt nomen ejus Emmanuel, quod est interpretatum Nobiscum Deus.

24 Exurgens autem Ioseph à somno, fecit sicut præcepit ei angelus Domini, et accepit conjugem suam.

25 Et non cognoscebat eam donec peperit filium suum primogenitum: et vocavit nomen ejus Iesum.

CAPITULO II.

Chegada dos Magos, e suas offeras ao Deos Menino. Morte dos Innocentes por Herodes. Fugida de Jesus para o Egypto, e a sua volta para Judéa.

Luc II 7. 1 Tendo pois nascido Jesus (13) em Belém de Judá, (14) em tempo do Rei Herodes, eis-que vierão do Oriente huns Magos a Jerusalem,

2 dizendo: Onde está o Rei dos Judeos, que he nascido? porque nós vimos no Oriente a sua estrella; e viemos a adorallo.

1 Cum ergo natus esset Iesus in Bethlehém Iuda in diebus Herodis regis, ecce Magi ab oriente venerunt Ierosolymam,

2 dicentes: Ubi est qui natus est rex Iudæorum? vidimus enim stellam ejus in oriente, et venimus adorare eum.

(10) *Tua mulher.* Deste lugar infere Santo Agostinho no Livro I *das Nupcias e da Concupiscencia*, cap. 11 e no Livro XXIII contra Fausto, cap. 7, que entre José, e a Senhora havia já então verdadeiro matrimonio, e não meros esponsaes. Porque de outra sorte parece que não diria o Anjo *tua mulher*, mas *sim tua esposa*. O mesmo affirma Santo Ambrosio no Livro 2 sobre o Evangelho de S. Lucas, n. 5. Nem o credito de Maria ficava seguro, se ao tempo que lhe começava a avultar o ventre, não estivesse já recebida com José: que he uma das razões porque os SS. PP. ensinão, que quizera Deos nascer, não de huma simples Virgem, mas de huma Virgem que tivesse marido. S. Jeronymo com tudo nos Commentarios a este Evangelho, e com elle Santo Hilario, e Santo Epifanio, são de parecer, que até este tempo estava a Senhora somente desposada, e não casada. — PEREIRA.

(11) *Em quanto ella, etc.* Confira-se assim a verso 18, e o que alli ficou annotado. — PEREIRA.

(12) *Primogenito.* Primogenito, não porque a Senhora tivesse depois outro filho, mas porque antes deste não teve outro; que na frase da Escritura isso he

o que precisamente quer dizer primogenito. — S. JERONYMO.

(13) *Em Belém de Judá.* Para distincão de outra Belém da Tribu de Zabulon. Josué XIX 15. — SACI.

(14) *Em tempo do Rei Herodes.* Tres Herodes he preciso distinguir na Historia Evangelica. Hum, que chamão Herodes o Grande, de nação Idumeo, que reinou em Judéa depois de Antigonu, e que he o de quem neste Capitulo falla S. Matheus, quando põe no seu tempo o Nascimento de Christo, e a morte dos Innocentes. E neste Herodes, que era Principe estrangeiro, se verificou o celebre vaticinio de Jacob, Genes. XLIX 10. *Que se não tiraria o Sceptro de Judá, em quanto não viesse o Messias.* Outro, que chamão Antipas, filho do mesmo Herodes o Grande, e irmão, e successor de Archelão: e este Herodes he o que mandou degollar o Baptista, e o que concorreo com Pilatos na morte de Christo. Outro, que chamão Herodes Agrippa, que foi o que mandou cortar a cabeça a Sant-Iago, e prender a S. Pedro, como temos nos Actos dos Apostolos. Veja-se Berti na Dissertação *De Epochis Herodiarum.* — PEREIRA.





ADORAÇÃO DOS MAGOS.

3 Audiens autem Herodes rex, turbatus est, et omnis Ierosolyma cum illo.

4 Et congregans omnes principes sacerdotum, et Scribas populi, sciscitabatur ab eis ubi Christus nasceretur.

5 At illi dixerunt ei: In Bethlehem Iudae: Sic enim scriptum est per Prophetam:

6 Et tu Bethlehem terra Iuda, nequaquam

3 E o Rei Herodes ouvindo isto se turbou, e toda Jerusalem com elle.

4 E convocando todos (15) os Principes dos Sacerdotes, (16) e os Escribas do Povo, lhes perguntava; onde havia de nascer o Christo.

5 E elles lhe disserão: Em Belém de Judá: Porque assim está escripto pelo Profeta:

6 E tu Belém, terra de Judá, não és a Mich. V 2

(15) *Os Principes dos Sacerdotes.* Isto he, os Chêfes das vinte e quatro Familias Sacerdotaes, que servião no Templo por seu turno, como lemos no I dos Paralipômenos, Cap. XXIV. — CALMET.

(16) *E os Escribas do Povo, etc.* Isto he, os Doutores da Lei, porque estes erão os Depositarios dos

Livros Santos, e os Intérpretes das Escripturas divinas. O Padre Anclote, que sempre traduz *les Scribes*, confessa, e adverte, que os Escribas entre os Judeos erão como entre nós os Doutores em Direito Canonico; e os Fariseos, como os Doutores em Theologia. — PRAEIRA.

de menos consideração entre as principaes de Judá: porque de ti sahirá o Conductor, que ha de commandar o meu Povo de Israel.

7 Então Herodes tendo chamado secretamente os Magos, inquirio delles com todo o cuidado, que tempo havia que lhes apparecêra a estrella:

8 e enviando-os a Belém, disse-lhes: Ide, e informai-vos bem que Menino he esse: e depois que o houverdes achado, vinde-mo dizer, para eu ir tambem adorallo.

9 Elles tendo ouvido as palavras do Rei, partirão: e logo a estrella, que tinham visto no Oriente, lhes appareceo, indo adiante delles, até que chegando, parou sobre onde estava o Menino.

10 E quando elles virão a estrella, foi sobremaneira grande o jubilo, que sentirão.

11 E entrando a casa, acharão o Menino com Maria sua Mãe, e prostrando-se, o adorarão: e abrindo os seus cofres, lhe fizeram suas offertaes de ouro, incenso, e myrrha.

12 E havida resposta em sonhos, que não tornassem a Herodes, voltarão por outro caminho para a sua terra.

13 Partidos que elles forão, eis-que appareceo hum Anjo do Senhor em sonhos a José, e lhe disse: Levanta-te, e toma o Menino, e sua Mãe, e fuge para o Egypto, e fica-te lá, até que eu te avise. Porque Herodes tem de buscar o Menino para o matar.

14 José levantando-se, tomou de noite o Menino, e sua Mãe, e retirou-se para o Egypto:

15 e alli esteve até á morte de Herodes: para se cumprir o que proferira o Senhor pelo Profeta, que diz: Do Egypto chamei a meu Filho.

16 Herodes e não vendo que tinha sido illudido dos Magos, ficou muito irado por isso, e mandou matar todos os meninos, que havia em Belem, e em todo o seu termo, que tivessem dous annos, e dahi para baixo, regulando-se nisto pelo tempo, que tinha exactamente averiguado dos Magos.

17 Então se cumpriu o que estava annunciado pelo Profeta Jeremias, que diz:

18 Em Ramá se ouviu hum clamor, hum choro, e hum grande lamento: (17) vinha a ser Raquel chorando a seus filhos, sem admittir consolação pela falta delles.

minima es in principibus Iuda: ex te enim exiet dux, qui regat populum meum Israel.

7 Tunc Herodes clam vocatis Magis diligenter didicit ab eis tempus stellæ, quæ apparuit eis:

8 et mittens illos in Bethlehem, dixit: Ite, et interrogate diligenter de puero: et cum inveneritis, renuntiate mihi, ut et ego veniens adorem eum.

9 Qui cum audissent regem, abierunt: et ecce stella, quam viderant in oriente, antecedebat eos, usquedum veniens staret supra, ubi erat puer.

10 Videntes autem stellam gavisí sunt gaudio magno valde.

11 Et intrantes domum, invenerunt puerum cum Maria matre ejus, et procidentes adoraverunt eum: et apertis thesauris suis obtulerunt ei munera, auram, thus, et myrrham.

12 Et responso accepto in somnis ne redirent ad Herodem, per aliam viam reversi in regionem suam.

13 Qui cum recessissent, ecce angelus Domini apparuit in somnis Ioseph, dicens: Surge, et accipe puerum, et matrem ejus, et fuge in Ægyptum, et esto ibi usque dum dicam tibi. Futurum est enim ut Herodes querat puerum ad perdendum eum.

14 Qui consurgens accepit puerum, et matrem ejus nocte, et secessit in Ægyptum:

15 et erat ibi usque ad obitum Herodis: ut adimpleretur quod dictum est à Domino per Prophetam dicentem: Ex Ægypto vocavi filium meum.

16 Tunc Herodes videns quoniam illusus esset à Magis, iratus est valde, et mittens occidit omnes pueros, qui erant in Bethlehem, et in omnibus finibus ejus à bñmato et infra, secundum tempus, quod exquisierat à Magis.

17 Tunc adimpletum est quod dictum est per Ieremiam Prophetam dicentem:

18 Vox in Rama audita est, ploratus et ululatus multus: Rachel plorans filios suos, et noluit consolari, quia non sunt.

(17) Vinha a ser Raquel, etc. O Grego diz: Chora, e lamentação, e gemido grande: Jeremias XXXI, 15. O que o Profeta havia dito antes do tempo do cativeiro de Babilonia, o applicou tambem o Evangelista ao tempo da mortandade dos innocentes. Jeremias para dar huma idéa da dor que causaria o cativeiro das dez Tribus, introduz a Raquel, como sabendo da sua sepultura, para chorar á vista de tão triste espectáculo. As lagrimas dos vivos não bastavam

para chorar esta terrivel desgraça; e assim era necessario ajuntar as dos mortos, e sobre tudo de Raquel, cuja sepultura estava no caminho por onde devião passar os cativos. Genes. XXXV, 19. Os gemidos, e gritos penetrantes destes a fizeram, por assiu dizer, sahir do sepulcro, e derramar lagrimas, temendo, que não tornariao mais a ver a sua patria. Esta bella imagem a applica o Evangelista á crueldade de Herodes com os innocentes. — PENEIRA.



FUGIDA DO EGYPTO.

19 Defuncto autem Herode, ecce angelus Domini apparuit in somnis Ioseph in Ægypto.

20 dicens: Surge, et accipe puerum, et matrem ejus, et vade in terram Israel: defuncti sunt enim, qui quærebant animam pueri.

21 Qui consurgens, accepit puerum, et matrem ejus, et venit in terram Israel.

22 Audiens autem quòd Archelaus regnaret in Judæa pro Herode patre suo, timuit illò ire: et admonitus in somnis, secessit in partes Galilææ.

23 Et veniens habitavit in civitate, quæ vocatur Nazareth: ut adimpleretur quod di-

19 E sendo morto Herodes, eis-que o Anjo do Senhor appareceo em sonhos a José no Egypto.

20 dizendo: Levanta-te, e toma o Menino, e sua Mãi, e vai para a terra de Israel: porque são mortos os que buscavão o Menino para o matar.

21 José levantando-se, tomou o Menino, e sua Mãi, e veio para a terra de Israel.

22 Mas ouvindo que Archelão reinava na Judæa em lugar de seu pai Herodes, temeo ir para lá: e avisado em sonhos, se retirou para as partes da Galiléa.

23 E veio morar em huma Cidade, que se chama Nazareth: para se cumprir o que fo-

ra dito pelos Profetas: Que será chamado (18) Nazareno.

ctum est per Prophetas: Quoniam Nazareus vocabitur.

CAPITULO III.

Vinda, e pregação do Baptista no Deserto. Reprehensão que dá aos Fariseos, e Sadduceos. Diferença entre o seu Baptismo, e o de Jesu Christo. Desce o Espirito Santo sobre Jesu Christo depois de João o baptizar. O eterno Pai o acclama seu Filho muito amado.

1 Naquellel dias pois veio João Baptista prégando no deserto da Judéa.
 Marc. I 4. Luc. III 3
 2 e dizendo: Fazei penitencia: porque está proximo o Reino dos Ceos.

3 Porque este he, de quem fallou o Profeta Isaias, dizendo: Voz do que elama no Deserto: Apparelhai o caminho do Senher: endireitai as suas varédas.

4 Ora o mesmo João tinha hum vestido de pelles de camelo, e huma cinta de couro em roda dos seus rins: e a sua comida (19) erão gafanhotos, e mel silvestre.

5 Então vinha a elle Jerusalem, e toda a Judéa, e toda a terra da comarca do Jordão;
 Marc. I 5. a Judéa, e toda a terra da comarca do Jordão;

6 e confessando os seus peccados, erão por elle baptizados no Jordão.
 Luc. III 7. Mas vendo que muitos (20) dos Fariseos, e dos Sadduceos vinhão ao seu baptismo, lhes disse: Raça de viboras, quem vos ensinou a fugir (21) da ira vindouira.

8 Fazei pois dignos frutos de penitencia.

9 E não queirais dizer dentro de vós mesmos: Nós temos por pai a Abrahão: porque eu vos digo, que poderoso he Deus para fazer que nascão destas pedras filhos (22) a Abrahão.
 Joan. VIII 39.

10 Porque já o machado está posto á raiz das arvores. Toda a arvore pois que não dá bom fruto, será cortada, e lançada no fogo.

11 Eu na verdade vos baptizo em agua para vos trazer á penitencia: porém o que ha
 Marc. I 8. Luc. III 16

1 In diebus autem illis venit Ioannes Baptista prædicans in deserto Iudæe,

2 et dicens: Pœnitentiam agite: appropinquavit enim regnum cœlorum.

3 Hic est enim, qui dictus est per Isaiam prophetam dicentem: Vox clamantis in deserto: Parate viam Domini: rectas facite semitas ejus.

4 Ipse autem Ioannes habebat vestimentum de pilis camelorum, et zonam pelliceam circa lumbos suos: esca autem ejus erat locustæ, et mel silvestre.

5 Tunc exibat ad eum Ierosolyma, et omnis Iudæa, et omnis regio circa Iordanem;

6 et baptizabantur ab eo in Iordane, confitentes peccata sua.

7 Videns autem multos Phariseorum, et Sadduceorum, venientes ad baptismum suum, dixit eis: Progenies viperarum, quis demonstravit vobis fugere á ventura ira?

8 Facite ergo fructum dignum pœnitentiæ.

9 Et ne velitis dicere intra vos: Patrem habemus Abraham: dico enim vobis, quoniam potens est Deus de lapidibus istis suscitare filios Abrahamæ.

10 Iam enim securis ad radicem arborum posita est. Omnis ergo arbor, quæ non facit fructum bonum excidetur, et in ignem mittetur.

11 Ego quidem baptizo vos in aqua in pœnitentiam: qui autem post me venturus est;

(18) Nazareno. Tanto pela habitação, como pela profissão. Porque Nazareno significa o que he consagrado a Deus, e vive retirado do seculo. — DEHAMEL.

(19) Erão gafanhotos. Entre os Hebreos não se reputavão os gafanhotos alimento immundo, como se colhe do Levítico, XI 23. E fora da Palestina escreve Plínio no livro VI cap. 30 e no livro VII cap. 2, que a gente pobre os comia temperados com sal, e secos ao fuinto. — CALMET. — Ainda destes ultimos seculos attesta o nosso Barros na Década II, Livro III, cap. 4, ser esta conserva dos gafanhotos hum prato delicioso entre os Mouros da India. — PEREIRA.

(20) Dos Fariseos, etc. Erão duas seitas de homens, que entre os Judeos se tinham levantado depois do tempo das Maccabeos, e que consequentemente não são muito antigas, quando Christo veio ao Mundo.

Os Fariseos affectavão huma grande regularidade de vida, semelhante á dos Filósofos Estoicos; e por isso gozavão de grandes credits, e respeito entre o Povo, que os considerava como Mestres da Piedade, e Religião; ainda que na verdade tudo nelles era soberba, e hypocrisia. Os Sadduceos, que erão ricos, amigos do regalo, negavão a resurreição dos mortos, e a immortalidade da alma; pelo que erão como os Epicureos da Judéa. — CALMET na Dissert. De Phariseis, Sadduceis, etc.

(21) Da ira vindouira. Entende a condemnação eterna. — MENDOÇA.

(22) A Abrahão. O nome Abrahamæ da Vulgata pelo artigo do Texto Grego se vê que está em dativo. — PEREIRA.



fortior me est, cuius non sum dignus calceamenta portare: ipse vos baptizabit in Spiritu sancto, et igni.

12 Cujus ventilabrum in manu sua: et permundabit aream suam: et congregabit triticum suum in horreum, paleas autem comburet inextinguibili.

13 Tunc venit Iesus á Galilæa in Iordanem ad Ioannem, ut baptizaretur ab eo.

14 Ioannes autem prohibebat eum, dicens: Ego á te debeo baptizari, et tu venis ad me?

15 Respondens autem Iesus, dixit ei: Sine modo: sic enim decet nos implere omnem iustitiam. Tunc dimisit eum.

16 Baptizatus autem Iesus, confestim ascendit de aqua: et ecce aperti sunt ei caeli: et vidit spiritum Dei descendentem sicut columbam, et venientem super se.

17 Et ecce vox de caelis dicens: Hic est filius meus dilectus, in quo mihi complacui.

de vir depois de mim, he mais poderoso do que eu, e eu não sou digno de lhe ministrar o calçado: elle vos baptizará no Espirito Santo, e em fogo.

12 (23) A sua pá na sua mão se acha: e elle alimpará muito bem a sua eira: e recolherá o seu trigo no celeiro, mas queimará as palhas n'um fogo, que jámais se apagará.

13 Então veio Jesus de Galilæa ao Jordão ter com João, para ser baptizado por elle.

14 Porém João o impedia, dizendo: Eu sou o que devo ser baptizado por ti, e tu vens a mim?

15 E respondendo Jesus, lhe disse: Deixa por ora: porque assim nos convém cumprir toda a justiça. Elle então o deixou.

16 E depois que Jesus foi baptizado: sahio logo para fóra da agua: e eis-que se lhe abrirão os Ceos: e vio ao Espirito de Deos, que descia como pomba, (24) e que vinha sobre elle.

17 E eis huma voz dos Ceos, que dizia: Este he meu Filho amado, no qual tenho posto toda a minha complacencia.

(23) A sua pá na sua mão se acha. O que a Vulgata Latina chama aqui *ventilabrum*, vertem todos os traductores Francezes de que uso, *joeira*. O que não obstante, eu verti *pá*, estribado nos seguintes fundamentos. Primeiro: Porque o nome Latino *ventilabrum* he de si indifferente para se tomar ou por *joeira*, ou por *pá*; visto ser este hum nome geral a todo o instrumento, com que se mova o ar, ou se excite o vento, e que por isso se pôde também applicar ao *leque*, ou ao *abano*. Segundo: Porque na eira não he de menor uso a *pá*, do que a *joeira*. Terceiro: Porque em lugar de *joeira* vertêrão aqui *pá* outros Traductores, como o nosso Portuguez Almeida, e o moderno Italiano Martini. Quarto: Porque com effeito em lugar de *ventilabrum* trazião aqui *pala* as Biblias primitivas. Isto se faz patente, de que os Padres Latinos dos primeiros seculos, quando citão este Texto de S. Matheus, em lugar de *cujus ventilabrum in manu sua*, allegão dos seus Codices, *cujus pala in manu sua*. Assim Tertulliano no Livro *Das Prescripções*, e no outro *Da Fuga*, que ambos examinei na Edição de Pamela. Assim S. Cypriano na Epistola 41, que examinei na Edição de Baluze. Assim o antigo Interprete de S. Irineo, Livro IV, Cap. IV. S. Jeronymo no Dialogo contra os Læciferianos, e Santo Agostinho na Enarração do Salmo XCII num. 5, que todos tres

examinei nas Edições dos PP. Benedictinos de S. Mauro. A estes ajunta Sabatier a Arnobio o Moço nas suas Annotações sobre os Salmos, e ao Poeta Juvenco do quarto seculo na sua Historia Evangelica. Por ultimo Brasmo na Nota ao presente lugar de S. Matheus, e Pamela na Nota ao primeiro de Tertuliano, e Baluze na Nota ao de S. Cypriano: todos reconhecerão a promiscua accepção de *ventilabrum*, por *joeira*, e por *pá*, quando se trata de alimpar na eira o trigo. — PEREIRA.

(24) E que vinha sobre elle. Não sómente o Senhor, senão também S. João, e todos os Judeos que o acompanhavão virão a figura de huma Pomba, na qual o Espirito Santo desceu do Ceo, e descansou sobre a cabeça de Jesu Christo. O Espirito Santo apparece nesta figura, porque, como diz S. João Chrysostomo, sendo a Pomba doce, e pura, quiz aquelle divino Espirito, que o he de doçura, de pureza, e de paz eleger esta forma, que representava de alguma maneira o que elle he, e o que devem ser aquelles, sobre os quaes desce pelo baptismo. O Mystero da Trindade, como observa S. Jeronymo, se descobre no baptismo de Jesu Christo: o Filho, que he o mesmo baptizado; o Espirito Santo, que desce sobre elle, em figura de Pomba; e a voz do Padre, que dá hum illustre testemunho da pessoa de seu Filho. — PEREIRA.



CAPITULO IV.

Vai Jesus para o Deserto, onde depois de jejuar quarenta dias, he tentado pelo demão. Chama os quatro pescadores, Pedro, André, Tiago, e João. Annuncia o Evangelho na Galiléa. Cura muitos doentes. Anda acompanhado de muito povo.

<p>Marc. I Luc. IV 1</p> <p>1 Então foi levado Jesus pelo Espirito ao Deserto, para ser tentado pelo diabo.</p> <p>2 E tendo jejuado quarenta dias, e quarenta noites, depois teve fome.</p> <p>3 E chegando-se a elle o tentador, lhe disse: Se és filho de Deos, dize que estas pedras se convertão em pães.</p> <p>Dout. VIII 7 Luc. IV 4</p> <p>4 Jesus respondendo lhe disse: Escrito está: Não só do pão vive o homem, mas de toda a palavra, que sahe da boca de Deos.</p> <p>5 Então tomando-o o diabo o levou á Cidade Santa, e o pôz sobre o pinnaculo do Templo,</p> <p>Psal. XC. 11</p> <p>6 e lhe disse: Se és Filho de Deos, lança-te daqui abaixo. Porque escrito está: Que mandou aos seus Anjos que cuidem de ti, e elles te tomarão nas palmas, para que não succeda tropeçares em pedra com o teu pé.</p> <p>7 Jesus lhe disse: Tambem está escrito: Não tentarás ao Senhor teu Deos.</p> <p>8 De novo o subio o diabo a hum monte muito alto: (25) e lhe mostrou todos os Reinos do Mundo, e a gloria delles,</p> <p>9 e lhe disse: Tudo isto te darei, se prostrado me adorares.</p> <p>Dout. VI. 13.</p> <p>10 Então lhe disse Jesus: Vai-te Satanás; Porque escrito está: Ao Senhor teu Deos adorás, e a elle só servirás.</p> <p>11 Então o deixou o diabo: e eis-que chegaram, os Anjos, e o servião.</p> <p>12 E quando ouviu Jesus, que João fóra preso, retirou-se (26) para Galiléa:</p> <p>Marc. I. 11. Luc. IV 11. João. IV 13.</p> <p>13 e, deixada a Cidade de Nazareth, veio habitar em Cafarnaum, Cidade Maritima, nos confins de Zabulon, e Nêphthalim:</p> <p>14 para se cumprir o que tinha dito o Profeta Isaías:</p> <p>Isai. IX</p> <p>15 A terra de Zabulon, e a terra de Nêphthalim, a estrada que vai dar no mar além do Jordão, a Galiléa dos Gentios,</p> <p>16 povo, que estava de assento nas tre-</p>	<p>1 Tunc Iesus ductus est in desertum à Spiritu, ut tentaretur à diabolo.</p> <p>2 Et cùm jejunasset quadraginta diebus, et quadraginta noctibus, postea esuriit.</p> <p>3 Et accedens tentator dixit ei: Si filius Dei es, dic ut lapides isti panes fiant.</p> <p>4 Qui respondens dixit: Scriptum est: Non in solo pane vivit homo, sed in omni verbo, quod procedit de ore Dei.</p> <p>5 Tunc assumpsit eum diabolus in sanctam civitatem, et statuit eum super pinnaculum templi,</p> <p>6 et dixit ei: Si filius Dei es, mitte te deorsum. Scriptum est enim: Quia angelis suis mandavit de te, et in manibus tollent te, ne fortè offendas ad lapidem pedem tuum.</p> <p>7 Ait illi Iesus: Rursum scriptum est. Non tentabis Dominum Deum tuum.</p> <p>8 Iterùm assumpsit eum diabolus in montem excelsum valdè: et ostendit ei omnia regna mundi, et gloriam eorum.</p> <p>9 et dixit ei: Hæc omnia tibi dabo, si cadens adoraveris me.</p> <p>10 Tunc dicit ei Iesus. Vade Satana: Scriptum est enim: Dominum Deum tuum adorabis, et illi soli servies.</p> <p>11 Tunc reliquit eum diabolus: et eccè angeli accesserunt, et ministrabant ei.</p> <p>12 Cùm autem audisset Iesus quòd Ioannes traditus esset, accessit in Galilæam:</p> <p>13 et, relicta civitate Nazareth, venit, et habitavit in Capharnaum maritima, in finibus Zabulon, et Nephthalim:</p> <p>14 ut adimpleretur quod dictum est per Isaiam prophetam:</p> <p>15 Terra Zabulon, et terra Nephthalim, via maris trans Iordanem, Galilæa gentium.</p> <p>16 populus qui sedebat in tenebris, vi-</p>
--	---

(25) E lhe mostrou todos os Reinos do Mundo. Como lho mostrou? Em figuras, que formou no ar; o que S. Lucas adverte, que fóra em hum momento. Assim refere S. Gregorio Magno, que mostrára Deos a S. Bento todo o Mundo em hum globo. — AuzLORZ.

(26) Para Galiléa. Não para a Galiléa Baixa, onde estava Nazareth, e onde reinava Herodes Antipas para a Galiléa Alta, ou para a Galiléa dos Gentios, onde estava Cafarnaum, e onde reinava Filippe, irmão de Herodes; do qual Philippe escreve José, que era Príncipe pacífico, modesto, e justo. — AuzLORZ.

dit lucem magnam: et sedentibus in regione umbræ mortis, lux orta est eis.

17 Exinde cepit Iesus predicare, et dicere: Penitentiam agite: appropinquavit enim regnum celorum.

18 Ambulans autem Iesus juxta mare Galilææ, vidit duos fratres, Simonem, qui vocatur Petrus, et Andream fratrem ejus, mitentes rete in mare, (erant enim piscatores)

19 et ait illis: Venite post me, et faciam vos fieri piscatores hominum.

20 At illi continuo relictis retibus secuti sunt eum.

21 Et procedens inde, vidit alios duos fratres, Iacobum Zebedæi, et Joannem fratrem ejus in navi cum Zebedæo patre eorum, reficientes retia sua: et vocavit eos.

22 Illi autem statim relictis retibus et patre, secuti sunt eum.

23 Et circumibat Iesus totam Galilæam, docens in synagogis eorum, et prædicans Evangelium regni: et sanans omnem languorem, et omnem infirmitatem in populo.

24 Et abiit opinio ejus in totam Syriam, et obtulerunt ei omnes malè habentes, variis languoribus, et tormentis comprehensos, et qui demonia habebant, et lunaticos, et paralyticos, et curavit eos:

25 et secute sunt eum turbæ multæ de Galilæa, et Decapoli, et de Ierosolymis, et de Iudæa, et de trans Jordanem.

vas, viu huma grande luz: e aos que estavam de assento na região da sombra da morte, a estes appareceu a luz.

17 Desde então começou Jesus a prégar, ^{Marc. I 15} e a dizer: Fazei penitencia: porque está proximo o Reino dos Ceos.

18 E caminhando Jesus ao longo do mar de Galilæa, viu dous irmãos, Simão, que se chama Pedro, e seu irmão André, que lançavam a rede ao mar, (porque erão pescadores) ^{Marc. I 16 Luc. V 2.}

19 e disse-lhes: Vinde apóz mim, e farei que vós sejais pescadores de homens.

20 E elles sem mais detença, deixadas as redes, o seguirão.

21 E passando dalli, viu outros dous irmãos, Tiago filho de Zebedeo, e João seu irmão, em huma barca com seu pai Zebedeo, que concertavão as suas redes: e os chamou.

22 E elles no mesmo ponto deixando as redes, e o pai, forão em seu seguimento.

23 E Jesus rodeava toda a Galilæa, ensinando nas suas Synagogas, e prégando (27) o Evangelho do Reino: e curando toda a casta de doenças, e toda a casta de enfermidades no Povo.

24 E correu a sua fama por toda a Syria, e lhe trouxerão todos os que se achavão enfermos, possuidos de varios achaques, e dores, e os possessos, (28) e os lunaticos, e os paralyticos, e os çurou:

25 e huma grande multidão de Povo o foi ^{Marc. III Luc. VI 17} seguindo de Galilæa, e de Decápole, e de Ierusalero, e de Judæa, e de além do Jordão.

CAPITULO V.

Sermão das oito Bemaventuranças, prégado no monte. Os Apostolos, sal da terra, e luz do Mundo. Jesu Christo vindo ao Mundo, não para destruir a Lei, mas para a aperfeçoar. Que nos não devemos irar contra o proximo, mas ir buscallo, quando elle está queixoso de nós. Que se não deve olhar para a mulher com os olhos impudicos. Que devemos cortar por tudo o que nos póde servir de occasião de ruina espirital. Que a troco de se não violar a caridade fraterna, devemos estar feitos a tudo deixar, e a tudo soffrer. Que devemos amar, e fazer bem a nossos inimigos.

1 Videns autem Iesus turbas, ascendit in montem, et cum sedisset, accesserunt ad eum discipuli ejus,

2 et aperiens os suum docebat eos dicens:

1 E vendo Jesus a grande multidão do Povo, subio a hum monté, e depois de se ter sentado, se chegarão para o pé d'elle os seus Discipulos,

2 e elle abrindo a sua boca os ensinava, dizendo:

(27) *O Evangelho do Reino.* Evangelho he huma palavra Grega que significa *bom annuncio*, ou *alegria*. O Evangelho do Reino porém, he o que prometta o Reino dos Ceos aos homens, que seguissem a Jesu Christo. — AMELOTZ, e HENZ.

(28) *E os lunaticos.* Isto he, os que erão sujeitos aos accessos do mal caduco, que nós chamamos accidentes epileticos, ou de gota coral, que, segundo a opinião do vulgo, dependem dos dias, ou quartos da Lua. — SACI.

CARTAS

*Antonio Vicente Mendes Braul**

*assinatura existente nas duas Cartas

DR. MARQUES DOS REIS
PROFESSOR DE DEREITO CIVIL
DR. CLEMENTE MARCONI
PROFESSOR DE DEREITO CONSTITUCIONAL
INSTITUTO DE ESTUDIOS DA BAHIA

OFFICINA GOMES
ARVORADOS

046 - BAHIA, 20 -
TEL. C. 1112

Instituto Geografico e Historico da Bahia

FUNDADO EM 1894

Associação de utilidade pública reconhecida pela Lei N. 110 de 13 de Agosto de 1935

S E D E

BRASIL, BAHIA, SALVADOR - Avenida 7 de Setembro

Carta para Sr. Carlos Francisco...
Salvador de Bahia, 1945
Antônio Carlos de Moraes

Com a presente carta...
deixo a disposição de V. Exa....
o material que se encontra...
em meu poder...
para que seja entregue...
ao Sr. Carlos Francisco...
de acordo com o que...
foi acordado...
em reunião...
de 15 de maio...
de 1945...

Sua
Antônio Carlos de Moraes

Louvado seja Nosso Senhor Jesus Christo

Amparo, 26 de Abril de 1893

Ilmo, Sr, Felisberto de Moraes

Peço-lhe que faça-me a carida-/de de mandar uma rês que/ tenho precisão.
Creio, nutro a esperança/ que não terei escrito de balde a sua bene-/ volencia,
acolhendo com caridosa presta-/ção a satisfação do meu pedido, de cuja/ caridade
lhe ficarei muito agradecido.

Sou De V.S^a

Attencioso

Antonio Vicente Mendes Maciel

Obs: A leitura acima está anexa ao documento original no IGHB.



Journal de la Ville de Saint-Jacques

De la Ville de Saint-Jacques

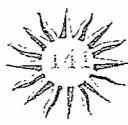
De la Ville de Saint-Jacques

De la Ville de Saint-Jacques

De la Ville de Saint-Jacques

De la Ville de Saint-Jacques

Instituto Genealógico e Histórico da Bahia	
Posto	173400
Idade	
N.º	



Louvado seja Nosso Senhor Jesus Christo
Brejo Grande 10 de Maio de /
de 1893

Snr. Paulo José da Hora

De posse de sua carta tenho a respon-/der que de nenhuma forma consinta
[ilegível]*, visto que a Igre-/ja ainda não está Benta.

Sou
Attencioso/
e grato

Antonio Vicente Mendes Maciel

* faria a leitura : [*batismo no Santuário*],



(C) 10

CABO SUBMARINO.

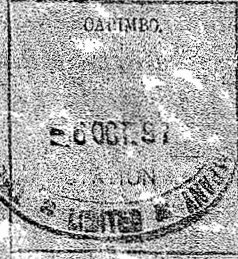
THE WESTERN AND BRAZILIAN TELEGRAPH COMPANY, LIMITED.

Estação de origem Rio No. de recepção 44.

Data 1. Horas 3.50 No. de palavras 20.

Recebido de mes as 11.00 por mes

Despachado de mes por mes Taxa 1000.



Nome e endereço Prof. J. J. J. J.
do Destinatário Rio

Canudos tomados em alheios nas
encontrado fortalezas salvos victoria
questas preparam festas edificios
publicos particulares embandeirados
regosipa gerak

Rio /Urg[en]t[e]/ Bahia / Canudos tomado conselheiro não /
encontrado / fortalezas salvão victoria / quartéis preparam festas edificios /
publicos particulares embandeirados /
regosijo geral [sem assinatura]*

* Original manuscrito de cabograma – Cabo Submarino / *The Western And Brazilian Telegraph Company Limited* [demais indicações de procedência e chegada, carimbo com data] – enviado ao *Jornal de Notícias* em 06 de outubro de 1897, comunicando a tomada de *Canudos* e o fim da guerra. Oferecido ao professor José Calasans pelo professor e senador Aloisio de Carvalho Filho e hoje pertencente ao acervo do Núcleo Sertão do Centro de Estudos Baianos da UFBA.



Colofão

O *Breviário de Antonio Conselheiro* com apresentação de Walnice Nogueira Galvão e Fernando da Rocha Peres é uma edição do Centro de Estudos Baianos e da Editora da Universidade Federal da Bahia, em homenagem aos cem anos de *Os Sertões* de Euclides da Cunha, em 2002, e *in memoriam* de Antonio Vicente Mendes Maciel, o Conselheiro, e José Calasans, estudioso da saga de Canudos.
Salvador, Bahia, Brasil, 28/03/2002.

Este livro foi publicado no formato 195 x 270 mm
miolo em papel Pólen Bold 90g/m²
capa em policromia com papel Supremo Quartz 300g/m²
tiragem 1000 exemplares
Impressão e acabamento:
Gráfica Cartograf

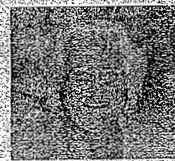
Deve-se, sem sombra de dúvidas, esta edição a todos aqueles que conservaram o manuscrito, desde o seu "achamento," e, em especial, ao professor José Calasans, que o doou — juntamente com um acervo bibliográfico de livros, periódicos, iconografias, realias e documentos sobre *Camúdos*, cangaço e folclore — ao Núcleo Serão da Universidade Federal da Bahia, que integra o Centro de Estudos Baianos. Graças a esse ato benemerito, o leitor e especialista poderá, de hoje em diante, contar com esse manuscrito para futuros estudos sobre o catolicismo no nordeste do Brasil.

A Universidade Federal da Bahia, como instituição de ensino público e gratuito, sente-se honrada com a divulgação deste *Bienário de Antônio Conselheiro* e assinala a parceria da Organização Odebrecht nesta edição. (FRP — 2002).



Valmir Magalhães Calvão

Professora Titular de Teoria Literária e Literatura Comparada na Universidade de São Paulo. É autora de vinte livros, entre os quais os que se seguem: *No calor da hora — A Guerra de Camúdos nos jornais* (Ática, 1974, 1ª ed.; 1977, 2ª ed.; 1994, 3ª ed.); *Los sertones* (Org.) (Biblioteca Avacúcho, 1980); *Euclides da Cunha* (Ática, 1981); *Edição Crítica de Os sertões* (Brasiliense, 1985, 1ª ed.; Ática, 1998, 2ª ed.); *Correspondência de Euclides da Cunha* (Edusp, 1997); *Edição de Diário de uma expedição* (Companhia das Letras, 2000); e *O Império do Belo Monte — Vida e Morte de Camúdos* (Fundação Perseu Abramo, 2001).



Professor Adjunto IV de Departamento de História da Universidade Federal da Bahia; poeta e historiador. Tem vários livros publicados na sua dupla condição, dentre os quais: *Memória da Sé* (Salvador, Edições Macunaíma, 1974, 2ª edição, 1999); *Correspondente contínuo: cartas de Mário de Andrade a Pedro Nava* (Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982); *Gregório de Mattos e Guerra: uma re-visão biográfica* (Prêmio Joaquim Nabuco da Academia Brasileira de Letras, Salvador, Macunaíma, 1983); *Gregório de Mattos e a Inquisição* (Salvador, UFBA/CEB, 1988); *Crônica do Encobrimento ou Relação do Desmedido Almotacel Expedito* (Salvador, Égua Dor, 2000); *Febre, Terça* (Salvador, Corrupio, 2000); *Um Códice Setecentista Inédito de Gregório de Mattos* (EduLba, 2000), em parceria com a colega Silvia La Regina; *Poemas de um Cristão* (São Paulo, Rosari, 2001).

ISBN 85-232-0263-3



Antônio Carlos de Albuquerque

*Officinas pelo Brasil de
25 Salobras de importância
Eugenio Carvalho de Sáez
Carvalho achado em Curitiba
no lugar chamado Curitiba
vive no Jornal de Curitiba*

ODEBRECHT

